



Curso de Bacharelado em Biblioteconomia na Modalidade a Distância

Giovana Deliberali Maimone

Análise de Imagens

Semestre

4

Curso de Bacharelado em Biblioteconomia na Modalidade a Distância

Giovana Deliberali Maimone

Análise de Imagens

Semestre

4

Brasília, DF



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro

Faculdade de Administração
e Ciências Contábeis
Departamento
de Biblioteconomia



Permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam o devido crédito ao autor e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

Presidência da República

Ministério da Educação

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível

Superior (CAPES)

Diretoria de Educação a Distância (DED)

Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB)

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Núcleo de Educação a Distância (NEAD)

Faculdade de Administração e Ciências Contábeis (FACC)

Departamento de Biblioteconomia

Comissão Técnica

Célia Regina Simonetti Barbalho
Helen Beatriz Frota Rozados
Henriette Ferreira Gomes
Marta Lúcia Pomim Valentim

Comissão de Gerenciamento

Mariza Russo (*in memoriam*)
Ana Maria Ferreira de Carvalho
Maria José Veloso da Costa Santos
Nadir Ferreira Alves
Nysia Oliveira de Sá

Equipe de apoio

Eliana Taborda Garcia Santos
José Antonio Gameiro Salles
Maria Cristina Paiva
Miriam Ferreira Freire Dias
Rômulo Magnus de Melo
Solange de Souza Alves da Silva

**Coordenação de
Desenvolvimento Instrucional**

Cristine Costa Barreto

Desenvolvimento instrucional

Renata Vittoretti

Diagramação

André Guimarães de Souza

Revisão de língua portuguesa

Patrícia Sotello

Projeto gráfico e capa

André Guimarães de Souza
Patrícia Seabra

Normalização

Dox Gestão da Informação

M223a Maimone, Giovana Deliberali.

Análise de imagens / Giovana Deliberali Maimone. – Brasília, DF : CAPES :
UAB ; Rio de Janeiro, RJ : Departamento de Biblioteconomia, FACC/UFRJ, 2019.
84 p. : il.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-85229-84-9 (brochura)

ISBN 978-85-85229-90-0 (e-book)

1. Semiótica. 2. Documentos iconográficos. I. Título.

CDD 025.4

CDU 81'22(084)

Catálogo na publicação por: Miriam Dias CRB-7 / 6995

Caro leitor,

A licença CC-BY-NC-AS, adotada pela UAB para os materiais didáticos do Projeto BibEaD, permite que outros remixem, adaptem e criem a partir desses materiais para fins não comerciais, desde que lhes atribuam o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos. No interesse da excelência dos materiais didáticos que compõem o Curso Nacional de Biblioteconomia na modalidade a distância, foram empreendidos esforços de dezenas de autores de todas as regiões do Brasil, além de outros profissionais especialistas, a fim de minimizar inconsistências e possíveis incorreções. Nesse sentido, asseguramos que serão bem recebidas sugestões de ajustes, de correções e de atualizações, caso seja identificada a necessidade destes pelos usuários do material ora apresentado.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Das representações de arte rupestre, como as encontradas no <i>Parque Nacional da Serra da Capivara</i> , às que nascem digitais, como o psicodélico colorido criado com o <i>software Inkscape</i> , as imagens comunicam a tradução da realidade do autor	15
Figura 2 -	As imagens, em sua relação com o real, podem assumir três valores: representação de coisas concretas (por exemplo, a fotografia de uma bicicleta), representação simbólica de coisas abstratas (por exemplo, a cruz suástica representada em diferentes culturas, com diferentes estilos e significados) e representação de um conteúdo (por exemplo, placas de trânsito).....	16
Figura 3 -	Do ponto de vista de suas funções, as imagens podem servir de símbolos (por exemplo, uma cruz), trazer informações sobre o mundo (por exemplo, um cartão-postal), ou ser destinada a agradar seu espectador, sendo indissociável da noção de arte	17
Figura 4 -	Catologação de <i>A negra</i>	21
Figura 5 -	Resumo documentário de <i>A negra</i>	21
Figura 6 -	Lista de descritores de <i>A negra</i>	22
Figura 7 -	Diferentes suportes de imagens: fotografia das cataratas de <i>Foz do Iguaçu</i> , pintura de <i>Niagara Falls</i> , projeto da usina hidrelétrica de <i>Itaipu</i> e desenho de uma queda d'água	24
Figura 8 -	Fases e operações documentárias da análise de conteúdo da imagem	27
Figura 9 -	Vaso de armazenamento de ânforas panathenaicas	28
Figura 10 -	Pelourinho (Bahia, Brasil)	29
Figura 11 -	Signo “casa”	31
Figura 12 -	<i>Ferdinand de Saussure</i>	31
Figura 13 -	<i>O serrador</i>	34
Figura 14 -	Pinturas impressionistas como exemplos de imagens pictóricas: <i>O sonho</i> , de Henri Rousseau; <i>O almoço dos barqueiros</i> , de Auguste Renoir; <i>Nascer do sol</i> , de Claude Monet; e, <i>Campo de trigo com ciprestes</i> , de Vincent Van Gogh	42
Figura 15 -	<i>Porträt der Madame Henriot</i>	43
Figura 16 -	AACR2 - Materiais gráficos	44
Figura 17 -	Ficha registro - AACR2 (<i>Porträt der Madame Henriot</i>)....	44

Figura 18 - Registro Sistema VRA Core (<i>Porträt der Madame Henriot</i>).....	44
Figura 19 - <i>Ninfa loira</i> de Paul Chabas.....	45
Figura 20 - Registro Informacional - MASP (Dados recuperados pela busca - <i>Ninfa loira</i>)	45
Figura 21 - Registro Informacional - <i>Pinacoteca</i> (Dados recuperados pela busca).....	46
Figura 22 - <i>O beijo</i>	46
Figura 23 - A fotografia permite que nos apropriemos de momentos.....	47
Figura 24 - A primeira fotografia do mundo capturou a vista da janela da casa em que morava <i>Joseph Nicéphore Niépce</i> , em <i>Burgundy</i> (1926). Foi tirada com uma câmera escura e levou aproximadamente 8 horas para ser concluída	48
Figura 25 - <i>Joseph Nicéphore Niépce</i>	49
Figura 26 - Câmera baixa / <i>contreplongée</i>	52
Figura 27 - Câmera alta / <i>plongée</i>	53
Figura 28 - Contraluz.....	53
Figura 29 - Macrofoto.....	54
Figura 30 - Fachada ou vista frontal	54
Figura 31 - Vista de perfil.....	55
Figura 32 - Fotografia aérea.....	55
Figura 33 - Primeiro Plano (PP)	56
Figura 34 - Plano Geral (GPG)	56
Figura 35 - Plano Americano (PA).....	57
Figura 36 - Plano Aproximado (PAP).....	57
Figura 37 - <i>Projeto Gênesis</i> - <i>Sebastião Salgado</i>	58
Figura 38 - <i>Os arrecifes</i>	59
Figura 39 - Registro documentário da fotografia <i>Os arrecifes</i>	60
Figura 40 - Cena do filme <i>Amarelo manga</i>	60
Figura 41 - Registro da fotografia de uma cena do filme <i>Amarelo manga</i>	61
Figura 42 - <i>Chicago</i>	63
Figura 43 - Cultivo da Mandioca.....	64
Figura 44 - Ficha de descrição filmográfica.....	64

Figura 45 - <i>O escolar</i> , de <i>Vincent van Gogh</i>	75
Figura 46 - Ficha de registro - AACR2	75
Figura 47 - Registro de obra de acordo com o VRA Core	76
Figura 48 - <i>Retrato de Jeanne Hébuterne</i> , de <i>Amadeo Modigliani</i> ...	76
Figura 49 - <i>O Anticristo 3</i> , de <i>Lucas Cranach</i>	77

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Níveis de representação da imagem	25
Quadro 2 - Representação do conteúdo de imagens	26
Quadro 3 - Quadro de referência	29
Quadro 4 - Características fotográficas	51
Quadro 5 - Fontes de informação para cada área da descrição de filmes	63
Quadro 6 - Elementos da descrição de imagens em movimento	65
Quadro 7 - Fontes principais de informação para cada área da descrição de materiais gráficos	74

SUMÁRIO

	APRESENTAÇÃO	11
1	UNIDADE 1: IMAGEM NO CONTEXTO DA BIBLIOTECONOMIA.....	13
1.1	OBJETIVO GERAL.....	13
1.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	13
1.3	INTRODUÇÃO	15
1.4	A IMAGEM NO CONTEXTO DA BIBLIOTECONOMIA	18
1.4.1	Imagem e informação.....	22
1.4.2	Imagem e representação	24
1.4.3	Atividade	28
1.5	IMAGEM, SIGNIFICAÇÃO E TEORIA SEMIÓTICA	30
1.5.1	Atividade	33
1.6	CONCLUSÃO	35
	RESUMO	35
	INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA UNIDADE.....	36
	REFERÊNCIAS	37
	SUGESTÃO DE LEITURA	38
2	UNIDADE 2: ELEMENTOS DAS LINGUAGENS IMAGÉTICAS.....	39
2.1	OBJETIVO GERAL.....	39
2.2	OBJETIVO ESPECÍFICO	39
2.3	INTRODUÇÃO	41
2.4	ICONOGRAFIA	41
2.5	LINGUAGEM PICTÓRICA.....	42
2.5.1	Atividade	46
2.6	LINGUAGEM FOTOGRÁFICA	47
2.6.1	Atividade	58
2.7	FILMOGRAFIA E LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA.....	61
2.7.1	Atividade	66
2.8	CONCLUSÃO	67
	RESUMO	67
	INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA UNIDADE	68
	REFERÊNCIAS	68
	SUGESTÃO DE LEITURA	70
3	UNIDADE 3: IMAGENS ESTÉTICAS E TÉCNICAS.....	71
3.1	OBJETIVO GERAL.....	71
3.2	OBJETIVO ESPECÍFICO	71
3.3	INTRODUÇÃO	73
3.4	REPRESENTAÇÃO DE IMAGENS ESTÉTICAS.....	74
3.4.1	Atividade	75
3.5	IMAGENS TÉCNICAS	77

3.6	CONCLUSÃO	78
	RESUMO	79
	REFERÊNCIAS	79
	BIBLIOGRAFIA BÁSICA DA DISCIPLINA	79
	BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR DA DISCIPLINA	80

APRESENTAÇÃO

A disciplina **Análise de Imagens** se volta para processos de análise, síntese e representação de imagens fixas e em movimento, e para elementos de semiótica. Confere importância no contexto do curso de Biblioteconomia uma vez que os profissionais formados devem possuir competência para trabalhar com documentos de diversas naturezas, desde os impressos, tradicionalmente tratados como materiais mais **relevantes**, até os considerados **especiais**, que incluem música, pintura, carta, fotografia e cinema, entre outros. Nesse conjunto estão as imagens que aparecem como protagonistas de assimilação informacional da sociedade atual. Sendo assim, estão também extensamente presentes nas bibliotecas, centros de informação, pinacotecas, museus etc. Assim, a disciplina tem, como objetivo geral, apresentar metodologias de análise, síntese e representação de imagens para tratamento informacional no contexto da Biblioteconomia.

De modo específico, a disciplina pretende apresentar ferramentas e metodologias que possibilitem o tratamento documentário – descritivo e temático – das imagens, tais como elaborar registros bibliográficos de documentos pictóricos, fotográficos e cinematográficos, para fins de recuperação informacional. Essa é uma necessidade pungente das instituições empregadoras de bibliotecários, já que, assim como os livros, as imagens também possibilitam a assimilação informacional e a geração de conhecimento. A disciplina pretende, ainda, apresentar as diferenças entre imagens estéticas e técnicas.

UNIDADE 1

IMAGEM NO CONTEXTO DA BIBLIOTECONOMIA



1.1 OBJETIVO GERAL

Apresentar metodologias de análise de imagens para tratamento informacional no âmbito da Biblioteconomia.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Esperamos que, ao final desta Unidade, você seja capaz de:

- a) descrever e aplicar metodologias de análise de imagens que envolvem processos de análise, síntese e representação;
 - b) elaborar registros bibliográficos de imagens a partir dos exemplos apresentados;
 - c) analisar e representar informações dos documentos imagéticos tendo em vista a recuperação do material pelo usuário.
- 

1.3 INTRODUÇÃO

Desde a Antiguidade, as imagens são produzidas para algum fim específico, quase sempre com o intuito de comunicar uma informação. Remetendo-nos às pinturas rupestres até as imagens que contemporaneamente nascem digitais, é possível verificar sua característica fundamental: a tradução da realidade¹ do autor, por meio de cores, desenhos, formas, tintas, símbolos e enquadramentos, entre outros.

Figura 1 - Das representações de arte rupestre, como as encontradas no Parque Nacional da Serra da Capivara, às que nascem digitais, como o psicodélico colorido criado com o software Inkscape, as imagens comunicam a tradução da realidade do autor



Fonte: Wikipedia (2018) e Pixabay (2018)²

A disciplina intitulada **Análise de Imagens** é importante para o curso de Biblioteconomia por apresentar e aplicar ferramentas de representação da informação de materiais, como fotografias, pinturas, filmes cinematográficos etc., que envolvem descrição e atribuição de assuntos para esses documentos.

Esta disciplina, considerada como optativa, está atrelada ao eixo 2 (Organização e Representação da Informação) do curso de Biblioteconomia – modalidade a distância, pois que aborda especificamente o tratamento documentário de imagens, sendo que algumas das disciplinas obrigatórias do eixo (Instrumentos de representação descritiva da informação; Instrumentos de representação temática da informação; Organização do conhecimento e da informação; Processos e produtos de representação descritiva da informação; Processos e produtos de representação temática da informação; Recuperação da informação) a tangenciam por tratarem também da representação do conhecimento (documentos registrados) para fins de recuperação. Práticas desenvolvidas pela documentação textual são aplicadas às especificidades do documento imagético, sempre que possível, possibilitando discussões sobre o tipo de informação que cada documento pode carregar.

Imagens podem ter diferentes naturezas, objetivos e suportes; por isso, seus usuários também serão variados, requerendo dos bibliotecários tratamentos informacionais diferenciados para cada uma delas. Para esta disciplina, será enfatizada a parte das imagens possivelmente presente

Imagens

Podem ser consideradas representações enviadas pelas coisas aos nossos sentidos. Representação mental de um objeto, impressão. Representação bidimensional de um ou vários objetos ou formas. Trata-se de um tipo de documento icônico. "Figura, representação, semelhança e aparência de uma coisa ou objeto". Sinônimo = documento icônico.

Fonte: Adaptado de Cunha e Cavalcanti (2008, verbete *imagem*).



Semestre

4

¹ A realidade, nesse contexto, refere-se àquela sentida pelo artista, que pode ser interpretada de diferentes modos, muitas vezes de forma fantasiosa, distorcida e "irreal".

² WIKIPÉDIA. **Arte rupestre**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Arte_rupestre#/media/File:Serra_da_Capivara_-_Several_Paintings_2b.jpg>. Acesso em: 27 set. 2021.
PIXABAY. **Abstrato colorido**. Disponível em: <<https://pixabay.com/pt/abstrato-colorido-psicod%C3%A9lico-1084082/>>. Acesso em: 27 set. 2021.

nos acervos das bibliotecas (pinturas, fotografias, filmes), não aprofundando em nenhuma outra, embora possam ser importantes para outras instituições, por exemplo, hospitais que trabalham diretamente com imagens radiológicas.

Em ambiente de biblioteca, o trabalho de representar imagens a partir de suas características descritivas e temáticas se torna relevante a partir do momento em que se toma a imagem como passível de apropriação e geração de novos conhecimentos. Sua recuperação se torna essencial para suprir as necessidades dos usuários que a recebem e a trabalham da forma mais apropriada, de acordo com seus interesses (para ilustrar um trabalho, exemplificar determinada prática etc.); aproxima-se assim dos objetivos mais caros da Biblioteconomia, a qual tem como cerne a organização/representação/localização dos materiais para acesso e futura recuperação.

Partindo do ponto de vista da produção e de sua consequente interpretação, as imagens, em sua relação com o real, podem assumir três valores, de acordo com Aumont (1993, p. 78-79):

- a) Um valor de representação: a imagem representativa é a que representa coisas concretas (“de um nível de abstração inferior ao das próprias imagens”). Exemplo: fotografia.
- b) Um valor de símbolo: a imagem simbólica é a que representa coisas abstratas (“de um nível de abstração superior ao das próprias imagens”). Exemplo: suástica.
- c) Um valor de signo: uma imagem serve de signo quando representa um conteúdo cujos caracteres não são visualmente refletidos por ela. Exemplo: placas de trânsito.

Figura 2 - As imagens, em sua relação com o real, podem assumir três valores: representação de coisas concretas (por exemplo, a fotografia de uma bicicleta), representação simbólica de coisas abstratas (por exemplo, a cruz suástica representada em diferentes culturas, com diferentes estilos e significados) e representação de um conteúdo (por exemplo, placas de trânsito)



Fonte: Wikipedia (2018) e Pixabay (2018)³

Diferenciando-se em suas finalidades, as imagens são elaboradas para determinados usos, sejam eles individuais ou coletivos (AUMONT, 1993). Independentemente desses aspectos, as imagens são consideradas como fontes de informação no meio biblioteconômico e são passíveis de trata-

³ WIKIPEDIA. G. Erenpreis Bicycle Factory. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/G._%C4%92renpreis_Bicycle_Factory#/media/File:G._%C4%92renpreis_gent_bicycle,_manufactured_in_1940.jpg.png>. Acesso em: 27 set. 2021.
WIKIPEDIA. Quatro suásticas. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Su%C3%A1stica#/media/File:Four-swastika_collage_\(transparent\).png](https://pt.wikipedia.org/wiki/Su%C3%A1stica#/media/File:Four-swastika_collage_(transparent).png)>. Acesso em: 27 set. 2021.
PIXABAY. Faixa de pedestres, sinal de trânsito. Disponível em: <<https://pixabay.com/pt/faixa-de-pedestres-sinal-de-tr%C3%A2nsito-160672/>>. Acesso em: 27 set. 2021.

mento documentário, como veremos mais adiante, por meio de metodologias e ferramentas para a produção do registro de informação (nos sistemas informacionais).

É importante ressaltar que os avanços dos meios de comunicação influenciaram e influenciam diretamente a distribuição (mais abrangente e rápida) e o uso das imagens, ampliando assim as possibilidades de acesso aos registros documentários (AGUSTÍN LACRUZ, 2015).

Especificamente, as imagens podem ter as seguintes funções:

- a) Função simbólica: quando as imagens servem de símbolos. Ex.: Cruz.
- b) Função epistêmica: quando a imagem traz informações (visuais) sobre o mundo, que pode assim ser conhecido. Como exemplos, temos: um mapa rodoviário, um cartão postal ilustrado, uma carta de baralho, um cartão de banco, entre outros.
- c) Função estética: quando a imagem é destinada a agradar seu espectador, a oferecer-lhe sensações (*aisthesis*) específicas. Contemporaneamente, essa função é considerada como indissociável da noção de arte. (AUMONT, 1993, p. 80).

Figura 3 - Do ponto de vista de suas funções, as imagens podem servir de símbolos (por exemplo, uma cruz), trazer informações sobre o mundo (por exemplo, um cartão-postal), ou ser destinada a agradar seu espectador, sendo indissociável da noção de arte



Fonte: Flickr (2018) e Wikipedia (2018)⁴

⁴ FLICKR. **Holy cross at Sunrise**. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/smemon/5781615723/>>. Acesso em: 27 set. 2021.
WIKIPEDIA. **Cartão-postal caminho aéreo Pão de Açúcar**. Disponível em: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/6e/Cart%C3%A3o_Postal_Caminho_Aereo_P%C3%A3o_dAssucar.jpg>. Acesso em: 27 set. 2021.
WIKIPEDIA. **Noite estrelada**. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/The_Starry_Night#/media/File:Van_Gogh_-_Starry_Night_-_Google_Art_Project.jpg>. Acesso em: 27 set. 2021.



Atenção

“[...] a imagem tem por função primeira garantir, reforçar, reafirmar e explicitar nossa relação com o mundo visual: ela desempenha papel de descoberta do visual, essencial para nossa atividade intelectual”.

Fonte: GOMBRICH *apud* AUMONT⁵ (1993, p. 81).

Imagens são, por si, polissêmicas. Quanto maior for o contato estabelecido com elas, maiores as possibilidades de desenvolvimento do mundo visual que beneficiam a atividade intelectual. O (re)conhecimento de uma imagem permite que o cérebro realize relações entre fatos e aproximações com o conhecimento já disponível pelo apreciador.

Esta unidade irá explorar o conceito de imagem como fonte de informação passível de tratamento documentário, já que sua representação é produto de atividades intelectuais do bibliotecário (análise temática e descritiva da informação). Assim como os textos, as imagens possuem significação própria que são demonstradas por meio de linguagens específicas e que podem ser representadas por meio de signos, tema que finaliza este primeiro encontro.

1.4 A IMAGEM NO CONTEXTO DA BIBLIOTECONOMIA

Imagens, assim como livros, jornais, revistas, discos, CDs, DVDs, diapositivos etc. são consideradas como documentos possuidores de informações, já que revelam, além de características físicas, implicações contextuais (temáticas, espaciais, temporais) representativas de uma ou várias épocas. Por esse motivo, e para tornar disponíveis tais informações aos usuários, a Biblioteconomia incorporou atividades de tratamento documentário a esse nicho material.

O tratamento documentário envolve atividades que descrevem fisicamente e analisam tematicamente os documentos, extraindo deles informações principais e representando, de forma sintética, seu conteúdo (resumo e índice).

Autores da área da Ciência da Informação ressaltam a importância de se trabalhar com as imagens para representá-las sintética e verbalmente, de modo que estejam acessíveis e recuperáveis ao público.

⁵ A citação foi retirada do seguinte material: AUMONT, J. **A imagem**. Campinas, SP: Papirus, 1993.

As imagens estão presentes nos acervos de bibliotecas, arquivos, museus e centros de documentação em formatos diferenciados, como: fotografias, cartazes, pinturas, cartões-postais, selos e diapositivos, entre outros. Esses documentos oferecem informações ricas e, em alguns casos, raras e inéditas, confirmando assim a necessidade de extração e elaboração de representações informacionais. A análise da imagem visando a sua recuperação por meio de uma representação informacional adequada constitui objetivo primordial para a área da Biblioteconomia, não descartando, de todo modo, questões de interpretação (muito pautadas nos conhecimentos do profissional) presentes em sua elaboração. Neste ponto é relevante ressaltar que devem existir limites claros para a execução da representação, em muitos casos presentes nas próprias políticas institucionais (de resumo, indexação e alimentação do sistema) e ferramentas linguísticas como é o caso dos vocabulários controlados em que os termos sinônimos devem ser equivalentes e a seleção da preferência por um deles é realizada (estabelecida) previamente.

O trabalho em análise de documentos sempre esteve bastante pautado no labor com materiais impressos, porém, com o passar do tempo e a inserção de novas tecnologias e mídias no ambiente social e das bibliotecas, a área teve, por necessidade, de ampliar seu foco de estudo e prática.

De forma específica, trabalha-se com o processo de “**transformação**”⁶ do texto original em uma representação, tratando o documento a partir do que se considera mais relevante, respeitando os objetivos de cada instituição. Tem-se, desse modo, o que pode ser chamada de informação documentária, que pode ser conceituada, de modo amplo, como: unidades de representação construídas sob uma forma (física) e de um conteúdo (temático), originando fichas catalográficas e referências, no primeiro caso, e resumos e índices, no segundo. De acordo com Kobashi (1996, p. 9), “A Análise Documentária, em sua dimensão operatória, manipula e transforma textos em dois tipos básicos de representações: o resumo e o índice”. Portanto, o objetivo das operações documentárias é condensar os registros do conhecimento para promover sua circulação. (KOBASHI, 1996; LARA, 2002).

No caso das imagens é preciso traduzir uma linguagem imagética em uma linguagem verbal, tradicionalmente utilizada pela Biblioteconomia por ser a única capaz de interpenetrar todas as outras. (CINTRA *et al.*, 2002).

A fim de padronizar e tornar otimizado o processo de recuperação informacional, a área conta com algumas ferramentas e normas que regulam as operações de representação de documentos. Com fins didáticos, as disciplinas que trabalham com a representação da informação são divididas, de modo geral, em: descritiva e temática. Porém, é possível verificar que, na prática profissional, elas se misturam, já que o registro configura ambas as categorias informacionais.

Para a parte descritiva, trabalha-se prioritariamente com normas de catalogação cujo intuito é descrever fisicamente os documentos. De modo geral, intenta-se “extrair” dos documentos as informações que os tornem únicos e os identifiquem entre os demais. Para isso, são estabelecidas regras gerais de **descrição** para cada tipo de documento que, conforme o *Código de Catalogação Anglo-Americano* (AACR2) de 2002⁷, subdividem-se em onze (11) itens, desde livros até recursos contínuos (*sites*), passando por música e gravações de som, entre outros.

⁶ Tal transformação pode ser caracterizada como uma atividade de criação ou elaboração de informação, já que produz uma nova representação (pistas para acesso ao documento).

⁷ Esse código se faz presente por meio da seguinte publicação: RIBEIRO, A. M. de C. M. *Catalogação de recursos bibliográficos pelo AACR2 2002*. Brasília: Ed. do autor, 2003.

A referida norma será utilizada conforme forem sendo tratados os diferentes tipos de imagens fixas e em movimento (filmes cinematográficos, documentários etc.). Além disso, a norma também trabalha com cabeçalhos, títulos uniformes e remissivas para cada tipo de material⁸. Além da norma, existem outras proposições de formatos de descrição de informação, as quais também agregam o campo assunto; tem-se como referência: *Cataloging Cultural Objects* (CCO): a guide to describing cultural Works and their images⁹, editado por Murtha Baca et al. – um padrão de conteúdo de dados para a comunidade relacionada ao patrimônio cultural; e o *Visual Resources Association Core* (VRA Core) – Código da Associação de Recursos Visuais da Library of Congress¹⁰, que é um padrão de dados para a descrição de trabalhos de cultura visual bem como as imagens que os documentam. O CCO estabelece modos de representação da informação em categorias informacionais, de modo que o VRA Core as aplica.

Sugere-se, neste momento, a verificação dos *links* listados a seguir para exemplificação do código e aplicação citados. As descrições encontram-se na língua inglesa, mas possivelmente você não tenha dificuldades em compreender as características descritas, como descrição, localização e material. Caso sinta dificuldade, tente recorrer a um tradutor on-line para ajudá-lo na exploração destes *links*.

Exemplo de registro VRA Core de pintura (paisagem):

a) <http://core.vraweb.org/examples/html/example026_full.html>

Exemplo de registro VRA Core de fotografia (vista topográfica):

b) <http://core.vraweb.org/examples/html/example029_full.html>

Para a parte temática, os índices e resumos, conforme já citados anteriormente, ganham destaque no que diz respeito à elaboração da informação documentária (representação do material), a fim de que se tenha acesso rápido e fidedigno ao original. Nesse caso, além de normas elaboradas pela *Associação Brasileira de Normas Técnicas* (ABNT) para elaboração do resumo documentário (NBR6028/2003 – Informação e documentação – Resumo – Apresentação) e de estabelecimento de termos de indexação (NBR12676/1992 – Métodos para análise de documentos – determinação de seus assuntos e seleção de termos de indexação), têm-se também instrumentos que trabalham com representação do conteúdo dos documentos a partir de seus assuntos, intitulados tesouros, vocabulários controlados e alguns outros códigos, que, assim como para a descrição, também variam de instituição para instituição e tipo de acervo. Utiliza-se como referência o livro *Introdução aos vocabulários controlados: terminologia para arte, arquitetura e outras obras culturais*, escrito por Patrícia Harpring (material impresso¹¹). Existem também grupos de estudos específicos em imagens de arte, como o *Grupo de Informação e Documentação em Arte Latino-americana* (artLA¹²) e a *Sociedade de Bibliotecas de Arte da América do Norte* (ARLIS¹³).

⁸ É importante ressaltar que cada instituição trabalha os campos de informação do modo mais apropriado, de acordo com seu acervo e público. Por esse motivo, algumas bibliotecas e centros de informações elaboram o próprio código, tomando como base algumas das características estabelecidas pela norma.

⁹ O CCO está disponível em: <<http://cco.vrafoundation.org/>>.

¹⁰ O VRA Core está disponível em: <<http://core.vraweb.org/>>.

¹¹ Este material está disponível no site do sistema estadual de museus de São Paulo, no seguinte endereço: <<http://www.sisemsp.org.br/publicacoes-do-sisem-sp/>>. Acesso em: 11 nov. 2021.

¹² artLA está disponível em: <<https://artlibrariesla.wordpress.com/>>. Acesso em: 11 nov. 2021.

¹³ ARLIS está disponível em: <<https://www.arlisna.org/>>. Acesso em: 11 nov. 2021.

Nas figuras a seguir, pode ser conferido um exemplo de registro documental (ficha catalográfica, resumo e termos de indexação – seleção de descritores) de uma imagem, de acordo com pesquisas realizadas com base em algumas das ferramentas citadas¹⁴:

Figura 4 - Catalogação de *A negra*

Funções internas da Instituição



Figura 22: A negra.
Fonte: MAC.

DADOS CATALOGRAFICOS	
AUTORIA	
AUTOR: Tarsila do Amaral	
LOCAL E DATAS * e +: Capivari / Brasil, 1/10/1886 – São Paulo / Brasil, 17/01/1973	
OBRA	
TÍTULO: A negra	
ANO DE EXECUÇÃO: 1923	
DGM: Original de arte / óleo sobre tela	
DIMENSOES: 100 x 81,3 cm	
LOCALIZAÇÃO SEDE: Brasil / Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo – MAC/USP	
INSCRIÇÕES: ---	
PROCEDENCIA: Doação MAMSP	

Fonte: Maimone (2007, p. 102)

Figura 5 - Resumo documental de *A negra*

RESUMO

Pintura de uma mulher negra retratada de corpo inteiro composta em formas desproporcionais contendo cabeça pequena com nariz e boca esparsos, tronco grande com ênfase na mama direita e membros deformados. A tela conta com um esquema de cores prioritariamente em tons pastel, trazendo a personagem em primeiro plano num marrom claro e, fundo, geometricamente desenhado, em azul, verde, amarelo e uma pequena faixa vermelha. Traz uma folha de bananeira do lado direito da tela.

Integrada fortemente aos temas brasileiros, Tarsila pinta “A negra” influenciada pela construção geométrica de Léger (mestre cubista), retratando nesta obra um dos universos culturais brasileiros recorrendo ao contato com a terra e com as tradições. Estas características da pintura podem ser observadas nesta tela através de elementos originais do Brasil, como a folha de bananeira e a forte presença da negra, destacando a importância desta raça na cultura nacional. O grande seio reproduzido na obra deriva-se de lembranças da infância de Tarsila junto às amas de leite das fazendas, pois quando criança ouvia histórias sobre o fato de estas mulheres terem seus seios aumentados, em virtude de amamentarem as crianças nas costas enquanto trabalhavam na roça. Tarsila revela nesta obra a combinação entre a tradição europeia e a cultura popular brasileira, já que, apesar de sólida formação acadêmica, a artista se mostra liberta de amarras estéticas e imposições formais, estando sempre ligada às questões do contexto nacional, sendo eles de qualquer origem: social, econômica, cultural, etc.

As cores (código cromático) utilizadas para a confecção da obra conduzem a mesma a um equilíbrio, visto que não exagera nas tonalidades optando por tons mais naturalistas. A tristeza, visualizada pelo olhar baixo e pelos lábios enormes e indiferentes (código gestual) revelam que pouca ou nenhuma esperança resta a esta mulher de vida difícil, cujo trabalho deforma seus pés e mãos. Em contexto modernista, permite-se considerar a obra como uma exposição das raízes populares, rompendo com a erudição, já que uma das premissas do movimento “Pau-Brasil” no qual esta obra é incluída, era justamente a de manifestar-se contra a “prática culta da vida”, contra “o lado doutor”.

Fonte: Maimone (2007, p. 105-106)

¹⁴ Este exemplo é apenas um em meio a uma gama de modelos; contudo, toda metodologia é passível de aperfeiçoamento. Acesso em: 11 nov. 2021.

Figura 6 - Lista de descritores de *A negra*

DESCRIPTORES
AUTORIA: AMARAL, Tarsila do
TÍTULO: A negra
CRONOLOGIA: Século 20
NATUREZA / FORMA ARTÍSTICA: Modernismo; Movimentos Artísticos; Semana de Arte Moderna; Nova Cultura; Lasar Segall; Tarsila do Amaral etc.
TEMÁTICOS DESCRITIVOS: Mulher negra; Ama de leite; Brasil; Bananeira; Verde; Natureza, etc.
TEMÁTICOS INTERPRETATIVOS: Mulher triste; Brasilidade; Servidão; Racismo; Pobreza etc.

Fonte: *Maimone* (2007, p. 107)

Analisar imagens requer leitura, identificação, análise e representação de informações que envolvem tanto a parte física como a de assunto, englobando conhecimentos sobre a natureza, os aspectos técnicos e a contextualização das obras. Afirma-se, portanto, que a imagem significa, representa uma informação; e a Ciência da Informação realiza uma metarrepresentação, já que se ocupa de representar uma representação.

1.4.1 Imagem e informação

As imagens, apoiadas pelo advento das tecnologias de informação e comunicação (TIC), e principalmente beneficiadas pelos dispositivos móveis, atingem uma vasta camada social que recebe e emite informação a todo momento. A maioria das imagens transporta algum tipo de informação, seja estética, epistêmica, funcional, simbólica etc. Essa característica revela que sua própria elaboração (a da imagem) pressupõe um determinado público e um canal de comunicação.

Porém, nem todo público está apto (por causa da bagagem interna de conhecimentos) a receber, assimilar e apropriar-se de imagens, em alguns casos, bastante complexas, as quais requerem conhecimentos especializados. Por esse motivo, e para tornar esses materiais mais acessíveis, a Ciência da Informação intenta traduzir essa linguagem imagética em informação verbal. É necessário, portanto, elaborá-la¹⁵ (a informação) para transmiti-la.

¹⁵ A elaboração de informações documentárias, como é conhecida na Ciência da Informação, envolve uma série de atividades (leitura, extração, análise, seleção, tradução, dentre outras) que cumprem com a finalidade de representar os documentos de modo sintético e objetivo.



Explicativo

A distribuição ou transferência da informação [...] está condicionada por uma limitação contextual e cognitiva. Para intervir na vida social, gerando conhecimento que promove o desenvolvimento, a informação necessita ser transmitida e aceita como tal. (BARRETO, 1994, [s. p.]).

Com o intuito de conceituar o termo “informação” no domínio da Ciência da Informação, *Le Coadic* (2004, p. 4) apresenta: “A informação é um conhecimento inscrito (registrado) em forma escrita (impressa ou digital), oral ou audiovisual, em um suporte”. Representar informação advinda de um registro do conhecimento, ou seja, dos documentos, é tarefa fundamental para o adequado funcionamento dos sistemas de recuperação de informação. Por esse motivo, é preciso garantir fidedignidade ao material tratado, oferecendo-lhe autenticidade, já que, desse processo, podem-se originar novos conhecimentos.



Explicativo

[...] o uso da palavra informação indica uma perspectiva específica, a partir da qual o conceito de comunicação do conhecimento tem sido definido. Esta perspectiva inclui características como novidade e relevância, ou seja, refere-se ao processo de transformação do conhecimento e, particularmente, à seleção e interpretação dentro de um contexto específico. (CAPURRO; HJØRLAND, 2007, p. 150).

Sendo assim, todo documento que traga novidade e seja relevante para o usuário é fonte potencial de informação geradora de conhecimento. Em relação ao contexto imagético, uma informação pode estar contida em diversos suportes (fotografia, pintura, desenho, projetos de arquitetura) e possuir significados diferentes, atribuídos pelo espectador. Apesar de a interpretação ficar por conta do usuário, o bibliotecário pode auxiliar na busca dos materiais constantes do acervo, oferecendo pistas de acesso¹⁶ que indiquem os documentos de modo objetivo.

¹⁶ Descritivas ou temáticas.

Figura 7 - Diferentes suportes de imagens: fotografia das cataratas de Foz do Iguaçu, pintura de Niagara Falls, projeto da usina hidrelétrica de Itaipu e desenho de uma queda d'água



Fonte: Wikimedia (2018), Wikipedia (2018), Global Security (2018), Pixabay (2018)¹⁷

1.4.2 Imagem e representação

Representar é o ato de estar “no lugar de outro” sem realmente sê-lo. Tomando como base essa definição, pode-se inferir que a informação documentária serve, fundamentalmente, para este papel, ou seja, representar algo, no caso, os documentos. Quando se extrai uma informação de um documento para reelaborá-la e inseri-la num sistema de informações existe a “representação”, ou seja, a reformulação ou indicação de um conceito por meio de uma linguagem de indexação. (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, verbete *representação*).¹⁷

¹⁷ WIKIMEDIA. **Cataratas**. Disponível em: <<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/b/b6/Cataratas.jpg/800px-Cataratas.jpg>>. Acesso em: 27 set. 2021.
 WIKIPEDIA. **Niagara Falls**. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Niagara_Falls,_from_the_American_Side#/media/File:Frederic_Edwin_Church_-_Niagara_Falls,_from_the_American_Side_-_Google_Art_Project.jpg>. Acesso em: 27 set. 2021.
 GLOBAL SECURITY. **Itaipu Dam**. Disponível em: <<https://www.globalsecurity.org/military/world/paraguay/itaipu-dam.htm>>. Acesso em: 27 set. 2021.
 PIXABAY. **Cachoeira natureza**. Disponível em: <<https://pixabay.com/pt/cachoeira-natureza-%C3%A1gua-queda-31653/>>. Acesso em: 27 set. 2021.

Segundo *Toutain* (2007, p. 91, grifos da autora) representação é: “[...] uma habilidade inata; consiste em perceber, descrever, gravar e interpretar uma informação. A representação é um processo em que se imbricam dois **mecanismos** – um **visual**, e outro, **mental**”.

Tais mecanismos podem ser melhor compreendidos a partir da explicação de que a visão, de acordo com *Toutain* (2007, p. 91), é capaz de captar detalhadamente as características, os nomes e as propriedades dos objetos e fazer uso de uma linguagem (verbal) que os denota e qualifica. Logo, representa, ou seja, conectada à central elétrica que é o cérebro, descreve e registra a informação percebida pelo olho: descreve-a, identifica-a e, por último, interpreta-a.

No que concerne à representação temática de imagens, enfatiza-se que o termo abstrato limita o significado de uma imagem, fixando uma leitura em detrimento de inúmeras outras, fato que justifica a atribuição de conceitos mais concretos. Por isso, é importante separar a denotação (o que a imagem mostra ou “o que se vê”) da conotação (o que as pessoas veem na imagem ou “o que se interpreta”), sabendo que a própria legenda ou o contexto já nos desviam para a conotação. Existe, portanto, um grande dilema para o profissional que trabalha com representação de imagens, que é o equilíbrio a ser encontrado entre a análise dos detalhes de uma imagem, que são importantes, e o descarte dos detalhes “insignificantes”, para ser preciso, sem ser específico demais. (SMIT, 1987).

[...] a análise de imagens não precisa chegar a uma especificidade muito grande, mantendo, portanto, uma amplitude suficiente para que, a qualquer pergunta, se possa selecionar ao redor de 30 imagens que respondam à pergunta. (SMIT, 1987, p. 107).

Trabalhando especificamente com as **Artes**, *Erwin Panofsky* (1976) apresenta a concepção de três níveis de representação da imagem: “**descrição pré-iconográfica**”, “**análise iconográfica**” e “**interpretação iconológica**”. Essa exposição pode ser confirmada pelo quadro a seguir:

Quadro 1 - Níveis de representação da imagem

OBJETO DA INTERPRETAÇÃO	ATO DA DA INTERPRETAÇÃO	EQUIPAMENTO ¹⁸ PARA A INTERPRETAÇÃO	PRINCÍPIOS CORRETIVOS DE INTERPRETAÇÃO (<i>História da Tradição</i>)
I. <i>Tema primário ou natural</i> – (A) fatural, (B) expressional – constituindo o mundo dos motivos artísticos.	<i>Descrição pré-iconográfica</i> (e análise pseudo-formal).	<i>Experiência prática</i> (familiaridade com <i>objetos</i> e <i>eventos</i>).	História do <i>estilo</i> (compreensão da maneira pela qual, sob diferentes condições históricas, <i>objetos</i> e <i>eventos</i> foram expressos pelas <i>formas</i>).
II. <i>Tema secundário ou convencional</i> , constituindo o mundo das <i>imagens</i> , <i>estórias</i> e <i>alegorias</i> .	<i>Análise iconográfica</i> .	<i>Conhecimento de fontes literárias</i> (familiaridade com <i>temas</i> e <i>conceitos</i> específicos).	História dos <i>tipos</i> (compreensão da maneira pela qual, sob diferentes condições históricas, <i>temas</i> ou <i>conceitos</i> foram expressos por <i>objetos</i> e <i>eventos</i>).
III. <i>Significado intrínseco ou conteúdo</i> , constituindo o mundo dos <i>valores</i> “ <i>simbólicos</i> ”.	<i>Interpretação iconológica</i> .	<i>Intuição sintética</i> (familiaridade com as <i>tendências essenciais da mente humana</i>), condicionada pela psicologia pessoal e <i>Weltanschauung</i> .	História dos <i>sintomas culturais</i> ou “ <i>símbolos</i> ” (compreensão da maneira pela qual, sob diferentes condições históricas, <i>tendências essenciais da mente humana</i> foram expressas por <i>temas</i> e <i>conceitos</i> específicos).

Fonte: *Panofsky* (1976)

¹⁸ A palavra equipamento, nesse contexto, refere-se a elementos intelectuais do intérprete.

Embora muito pertinente para centros de documentação especializados, como pinacotecas, museus e institutos de artes e imagens, permitindo aprofundamentos teóricos e históricos, o quadro se mostra parcialmente importante para a biblioteconomia, uma vez que as bibliotecas não necessitam ou não possuem recursos necessários para tratamento tão profundo. De todo modo é relevante averiguar as duas primeiras colunas, já que trabalham com os níveis de interpretação e podem relacionar-se com categorias informacionais de descrição, identificação e interpretação propriamente ditas. Entre as competências que o bibliotecário deve possuir para representar/organizar as imagens, estão: a capacidade de descrever objetivamente o material a partir de suas características físicas e de assuntos; identificar relações entre obras, coleções e materiais impressos sobre a imagem; identificar acervos e públicos do seu local de trabalho e as especificidades (ou não) necessitadas por ambos, adequando assim as políticas de tratamento documentário.

Em 1976, *Ginette Bléry* desenvolveu uma proposta de representação voltada especificamente ao conteúdo das imagens:

Quadro 2 - Representação do conteúdo de imagens

CATEGORIAS	REPRESENTAÇÃO DO CONTEÚDO DAS IMAGENS
QUEM	Identificação do “objeto enfocado”: seres vivos, artefatos, construções, acidentes naturais, etc.
ONDE	Localização da imagem no “espaço”: espaço geográfico ou espaço da imagem (p. ex. São Paulo ou interior de danceteria).
QUANDO	Localização da imagem no “tempo”: tempo cronológico ou momento da imagem (p. ex. 1996, noite, verão).
COMO/O QUE	Descrição de “atitudes” ou “detalhes” relacionados ao “objeto enfocado”, quando este é um ser vivo (p. ex. cavalo correndo, criança trajando roupa do século XVIII).

Fonte: (BLÉRY, 1981¹⁹ *apud* SMIT²⁰, 1996, p. 32)

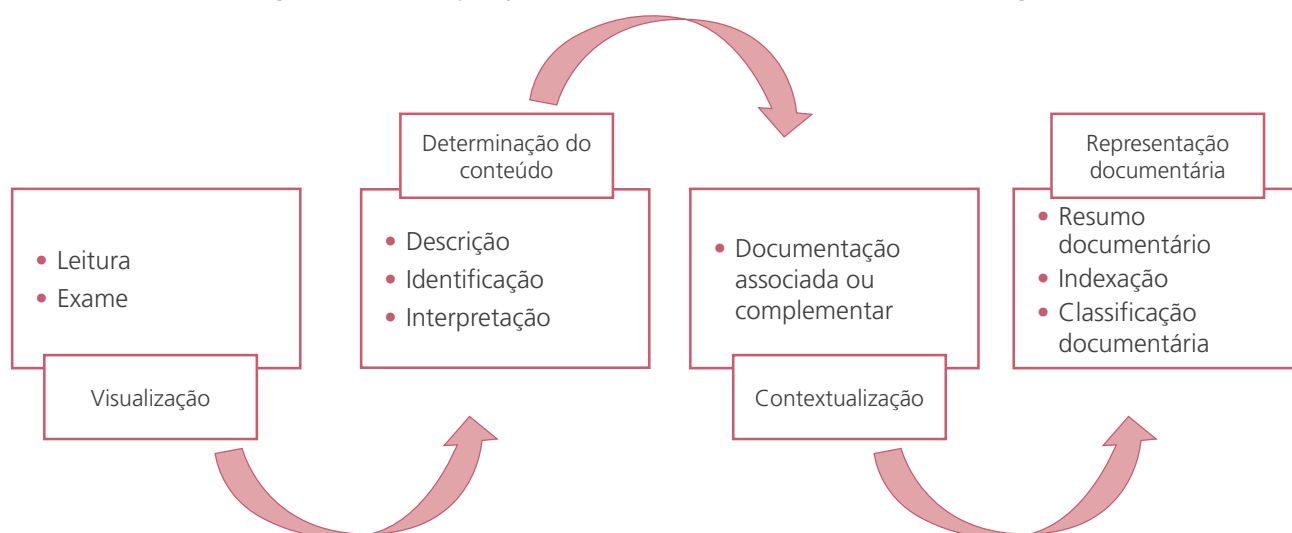
A partir dessa lista de categorias informacionais, é possível descrever de modo objetivo o que as imagens mostram e, em caso de dúvidas (imagens de difícil identificação – tanto por problemas de conservação como de indefinição), é apropriado perguntar a um especialista.

Observa-se que o campo da Biblioteconomia pode trabalhar com várias metodologias para tratamento temático das imagens, pois estas são imprescindíveis para o processo de comunicação na sociedade contemporânea. Sob a ótica de *Agustín Lacruz* (2015), a representação do conteúdo informacional de imagens é essencial e estabelece fases e operações documentárias, como se pode verificar pela imagem (figura 8):

¹⁹ BLÉRY, G. *La mémoire photographique*. Interphototheque, Paris, n. 41, p. 9-33, 1981.

²⁰ A citação foi retirada da fonte: SMIT, Johanna Wilhelmina. A representação da imagem. *Informare*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 28-36, jul./dez. 1996.

Figura 8 - Fases e operações documentárias da análise de conteúdo da imagem



Fonte: Agustín Lacruz (2015, p. 61, tradução livre da autora)

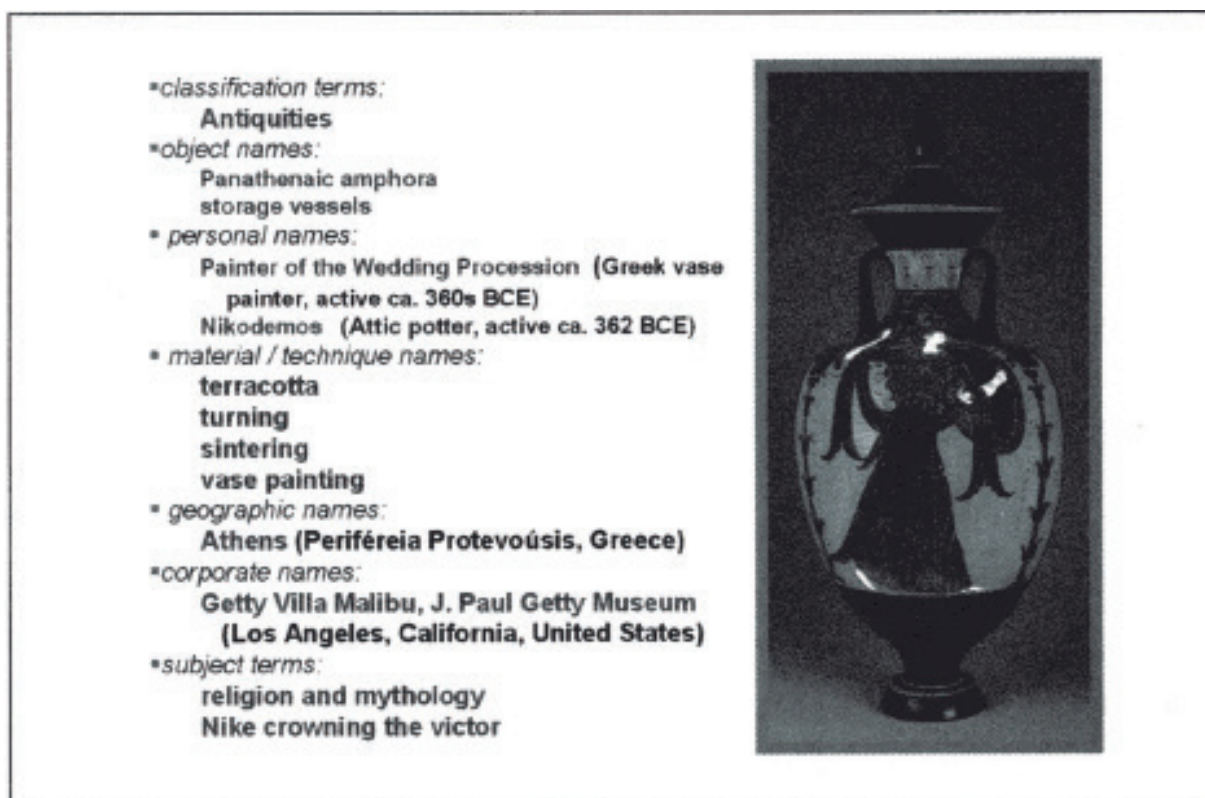
Observa-se que, para atingir a representação documentária, existem fases anteriores que devem ser realizadas com seriedade e objetividade. As fases de visualização e contextualização pertencem, segundo a autora, ao leitor ou receptor da imagem. Já a determinação do conteúdo e a própria representação documentária dizem respeito ao documentalista ou profissional que trabalha com a investigação da imagem. (AGUSTÍN LACRUZ, 2015).

Após e durante a leitura, é possível analisar mentalmente as imagens para descrevê-las de modo a atribuir-lhes significados, levando-se em consideração as possibilidades de recuperação da informação pelo público que a procura. A representação das imagens, e a consequente alimentação das bases de dados, é a concretização da elaboração da informação documentária. É importante ressaltar que, após a atribuição de termos (assuntos), uma seleção deve ser realizada a fim de que se adequem à linguagem controlada da instituição, estando, portanto, de acordo com os vocabulários controlados, os tesauros etc.

Embora o entendimento da produção imagética e sua contextualização seja relevante em diversos casos, principalmente no que se refere à bagagem cultural do bibliotecário/usuário, o principal objetivo da análise de imagens no contexto biblioteconômico está na possibilidade de representá-la a fim de torná-la recuperável para o público que a deseja. Para o tratamento temático existem ferramentas, como os vocabulários controlados/tesauros, que podem auxiliar na atribuição do termo correto de indexação, sempre lembrando que o primeiro passo é a “**leitura**” do documento.

A fim de elucidar a representação de conteúdo para a arte, a arquitetura e as obras culturais, Harpring (2016, p. 75) relaciona uma lista de categorias de termos em vocabulários controlados, sendo: termos de classificação; nomes do objeto; nomes pessoais; nomes das técnicas/materiais; nomes geográficos; nomes corporativos; e, termos de assunto. Como exemplo tem-se:

Figura 9 - Vaso de armazenamento de ânforas panathenaicas



Fonte: Harpring (2016, p. 75)

Apresenta após essa breve introdução, alguns dos vocabulários controlados de arte mais reconhecidos da contemporaneidade, como os derivados do Instituto Getty: *Art&Architecture Thesaurus* (AAT), *Getty Thesaurus of Geographic Names* (TGN) e *Union List of Artist Names* (ULAN); *Library of Congress Authorities*, *Library of Congress Subject Headings* (LCSH), *Thesaurus for Graphic Materials* (TGM). Para todos, a autora faz uma pequena introdução revelando os aspectos mais importantes de cada um deles, ilustrando com exemplos bastante claros²¹.



1.4.3 Atividade

A partir das categorias informacionais de representação do conteúdo das imagens estabelecidas por Bléry (1976), preencha os campos "quem?", "onde?", "quando?" e "como/o quê?" na imagem a seguir.

²¹ Sugere-se a leitura integral do referido livro para a obtenção de aprofundamento teórico. Além desse capítulo, é relevante também o que diz respeito à indexação com vocabulários controlados e à recuperação que se faz a partir deles.

Quadro 3 - Quadro de referência

CATEGORIAS	REPRESENTAÇÃO DO CONTEÚDO DAS IMAGENS
QUEM?	Identificação do “objeto enfocado”: seres vivos, artefatos, construções, acidentes naturais, etc.
ONDE?	Localização da imagem no “espaço”: espaço geográfico ou espaço da imagem (p. ex. São Paulo ou interior de danceteria).
QUANDO?	Localização da imagem no “tempo”: tempo cronológico ou momento da imagem (p. ex. 1996, noite, verão).
COMO?/O QUÊ?	Descrição de “atitudes” ou “detalhes” relacionados ao “objeto enfocado”, quando este é um ser vivo (p. ex. cavalo correndo, criança trajando roupa do século XVIII).

Fonte: (BLÉRY, 1981²² *apud* SMIT²³, 1996, p. 32)

Figura 10 - Pelourinho (Bahia, Brasil)



Fonte: Flickr (2018)²⁴

CATEGORIAS	REPRESENTAÇÃO DO CONTEÚDO DAS IMAGENS
QUEM?	
ONDE?	
QUANDO?	
COMO?/O QUÊ?	

²² BLÉRY, G. La mémoire photographique. *Interphototheque*, Paris, n. 41, p. 9-33, 1981.

²³ A citação foi retirada da fonte: SMIT, Johanna Wilhelmina. A representação da imagem. *Informare*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 28-36, jul./dez. 1996.

²⁴ FLICKR. **Pelourinho**. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/vilmaresoninha/6321782087/in/photolist-aCCMyT-aCFu71>>. Acesso em: 1 mar. 2018.

Resposta comentada

A imagem referente ao “Pelourinho” é uma fotografia em que podem ser identificadas as seguintes representações do conteúdo:

- a) Quem? Pessoas caminhando
- b) Onde? No Pelourinho – Bahia/BR
- c) Quando? Difícil identificar uma data (tentar identificar a partir de especialistas)
- d) Como/O quê? Pessoas caminhando, passeando.

Embora bastante intuitiva, a atividade realizada para a descrição das imagens a partir de seus conteúdos pode auxiliar no momento de selecionar descritores do vocabulário controlado para orientar a indexação e, ainda, na elaboração do resumo documentário.

1.5 IMAGEM, SIGNIFICAÇÃO E TEORIA SEMIÓTICA

As imagens podem ser também chamadas de textos visuais, que, no campo da semiótica, refere-se a um discurso que pode ser submetido a processos analíticos que segmentam e sequenciam seus níveis de representação, abordando as obras como estruturas comunicativas organizadas. É a busca pelos sentidos possíveis, que possibilite compreender as intenções do autor, o propósito da obra.

Tem-se então o conceito de “significação”, como o sentido de uma palavra, de uma frase, a porção semântica que o vocábulo sugere. No caso das imagens, o que um signo representa.

De acordo com *Cunha e Cavalcanti* (2008), signo é a entidade semiológica que substitui o objeto a conhecer, representando-o aos indivíduos e apresentando-se-lhes em lugar do objeto. O signo sempre estabelece uma relação entre dois objetos relacionados. Assim, combina um elemento perceptível ou sensível a um elemento inteligível para constituir a relação. Ao primeiro elemento se chama, desde **Saussure**, significante; e, ao segundo, significado; ao resultado, significação.

A título de exemplificação, tem-se o **signo** a seguir:

Figura 11 - Signo "casa"



Significado = moradia, a qual equivale a um espaço construído pelo ser humano, cuja função é abrigá-lo e protegê-lo em todos os sentidos. Remete a uma imagem mental.

Significante = materializam-se os sons que a palavra representa, foneticamente.
C – A – S – A

O laço que une significante e significado é arbitrário, isto é, não existe entre eles nenhum laço natural na realidade.

Fonte: Freepik (2018)²⁵



Curiosidade

Saussure

Ferdinand de Saussure nasceu em *Genebra (Suíça)*, em 1857, e se tornou linguista e filósofo, exercendo forte influência no campo dos Estudos Culturais, sendo que seus estudos proporcionaram o desenvolvimento da Linguística como Ciência Autônoma.

Figura 12 - Ferdinand de Saussure



Fonte: *Linguística em foco* (2018)²⁶

Semestre

4

²⁵ FREEPIK. **Casa**. Disponível em: <<https://br.freepik.com/index.php?goto=74&idfoto=761695>>. Acesso em: 01 mar. 2018.

²⁶ LINGUÍSTICA EM FOCO. **Quem foi Saussure**. Disponível em: <<https://linguisticaemfoco.wordpress.com/2013/09/11/quemfoissaussure/comment-page-1/>>. Acesso em: 1 mar. 2018.



A Semiologia pode ser entendida como a ciência cujo objetivo é o estudo dos sistemas dos signos. Estudo da linguagem aplicada aos meios da comunicação social. (FARIA; PERICÃO, 2008, verbete *semiologia*). Já seu objeto é a semiose, ou a forma de significação bem como os sistemas de representação das línguas naturais ou não. (LOPES, 1987).

Pode-se dizer que a relação entre as pessoas se dá por meio dos signos, já que a materialização do pensamento, da ideia ou de qualquer outra manifestação do espírito passa compulsoriamente pela elaboração de signos. É, portanto, suporte da comunicação humana.

Existe uma relação de similaridade entre informação e signo, pois ambos representam “algo”. Segundo *Toutain* (2007, p. 92), “[...] signo é, pois, tudo que representa outra coisa, em algum aspecto, para alguém”.

Daí o fato de ser estreita a relação entre a semiótica e a ciência da informação. Por isso o sentido só se produz quando concerne às experiências do indivíduo, à sua formação cultural e aos valores que vão influenciar a interpretação. (TOUTAIN, 2007, p. 92).

Um signo natural, também chamado de índice ou sinal, é quando um fato físico está ligado a outro fato físico por uma relação natural ou convencional (nuvem escura = chuva, relâmpago = tempestade, sino = refeição). Já o símbolo é quando o significante apresenta um significado instituído socialmente pela cultura (cruz = cristianismo; foice invertida = socialismo). (LOPES, 1987).

O signo permite a formação do conceito e assim representa o real e estabelece uma relação de significação. Assim, por meio da linguagem, o homem assimila a cultura, a perpetua ou a transforma.

O signo permite a expressão de algo em determinada linguagem, seu valor advém de um conjunto das circunstâncias morfológicas, fonéticas e ortográficas, que o rodeiam e o esclarecem. Dessa forma, tem-se a linguagem como um recorte da realidade de modo particular e, consequentemente, uma hipótese de organização a partir das relações existentes. A informação expressa-se a partir de linguagens que, por si, comportam um elemento de sentido. Informação é:

[...] um significado transmitido a um ser consciente por meio de uma mensagem inscrita em um suporte espacial-temporal: impresso, sinal elétrico, onda sonora, etc. Inscrição feita graças a um sistema de signos (a linguagem), signo este que é um elemento da linguagem que associa um significante a um significado: signo alfabético, palavra, sinal de pontuação. (LE COADIC, 2004, p. 4).

Tendo como base tal assertiva, pode-se inferir que a imagem, se tomada como um tipo de linguagem, expressa-se a partir de signos e, portanto, significa e informa. O desafio que aí se encontra está em traduzir os signos de uma linguagem imagética para uma linguagem verbal.

Outro teórico importante na área da Semiótica é *Charles Sanders Peirce*, que conceitua signo como:

[...] qualquer coisa que conduz alguma outra coisa (seu *interpretante*) a referir-se a um objeto ao qual ela mesma se refere (seu *objeto*), de modo idêntico, transformando-se o interpretante, por sua vez, em signo, e assim sucessivamente *ad infinitum*. (PEIRCE, 2005, p. 74).

Portanto, envolve uma relação triádica entre signo, objeto e interpretante. Para a teoria semiótica da imagem, *Peirce* colabora revelando que existem três formas de signo: ícone, índice ou símbolo.

Um ícone é um signo que possuiria o caráter que o torna significante, mesmo que seu objeto não existisse, tal como um risco feito à lápis representando uma linha geométrica. Um índice é um signo que de repente perderia seu caráter que o torna um signo se seu objeto fosse removido, mas que não perderia esse caráter se não houvesse interpretante. Tal é, por exemplo, o caso de um molde com um buraco de bala como signo de um tiro, pois sem o tiro não teria havido buraco; porém, nele existe um buraco, quer tenha alguém ou não a capacidade de atribuí-lo a um tiro. Um símbolo é um signo que perderia o caráter que o torna um signo se não houvesse um interpretante. Tal é o caso de qualquer elocução de discurso que significa aquilo que significa apenas por força de compreender-se que possui essa significação. (PEIRCE, 2005, p. 74).

Independentemente da linguagem, um signo é uma expressão de algo por meio de outro algo, “[...] pois só pode representar seu objeto para um intérprete, e porque representa seu objeto, produz na mente desse intérprete alguma outra coisa (signo)” (SANTAELLA, 2007, p. 58).



1.5.1 Atividade

A partir dos termos de descrição dos vocabulários controlados elucidados por *Harpring* (2016) e consultando os vocabulários controlados referentes ao *Instituto Getty* – AAT, TGN e ULAN, elabore um registro documentário contendo as seguintes características preenchidas: termos de classificação; nomes do objeto; nomes pessoais; nomes das técnicas/materiais; nomes geográficos; nomes corporativos; e, termos de assunto, a partir da figura a seguir:

Figura 13 - O serrador



Fonte: Masp (2018)²⁷

CARACTERÍSTICA	REGISTRO
termos de classificação	
nomes do objeto	
nomes pessoais	
nomes das técnicas/materiais	
nomes geográficos	
nomes corporativos	
termos de assunto	

Resposta comentada

A figura deve ser reconhecida como gravura. Seus termos de classificação devem ser atribuídos de acordo com os vocabulários controlados sugeridos. Dificuldades podem ser encontradas principalmente no que diz respeito aos termos de assunto que podem variar de profissional para profissional, correndo-se o risco de não ser atribuído nenhum termo.

²⁷ MASP. **O Serrador**. Disponível em: <<https://masp.org.br/acervo/obra/o-serrador>>. Acesso em: 1 mar. 2018.

Espera-se que você aplique a metodologia exercitando o processo de análise de imagens em níveis de descrição física e análise de seu conteúdo. Dificuldades são comuns e esperadas, e devem ser conferidas pelo mediador da disciplina.

1.6 CONCLUSÃO

A Biblioteconomia realiza atividades fundamentais que favorecem o encontro usuário-informação, uma vez que trabalha com representações dos documentos que auxiliam na tomada de decisão sobre a relevância dos materiais tratados.

No cenário imagético, os processos que envolvem essas representações estão permeados por teorias e técnicas advindas do tratamento dos documentos impressos, além de necessitarem de conhecimentos específicos de cada tipo de acervo, e de competências e aptidões particulares, tornando o trabalho do profissional um tanto mais cuidadoso.

Tomando por base as metodologias apresentadas, é possível executar o trabalho documentário a partir da identificação, contextualização e elaboração de produtos (registros) documentários das imagens, conforme apresentado pelos exemplos e atividades propostas. Aplicam-se, para isso, níveis de representação das imagens, juntamente com a descrição de características físicas e temáticas. O signo permite a expressão de algo em determinada linguagem; assim, a informação extraída desta categoria de documento (imagem) pode ser traduzida para um vocabulário controlado para que favoreça sua recuperação.

As imagens são veículos informacionais ágeis e, potencialmente comunicativos, pois trazem em seu bojo características que possibilitam além do reconhecimento de um local, de uma época, de um assunto, a perpetuação da memória humana por perspectivas diferentes.

RESUMO

As imagens podem ser consideradas como representações visuais enviadas aos nossos sentidos. Em suas diferentes tipologias, elas guardam funções, valores e características também diversas e podem ser analisadas e representadas informacionalmente para que se tornem fontes de informação para a apropriação e a geração de conhecimento dos usuários que a buscam. Sempre com o objetivo de comunicar algo a alguém, a imagem possui funções diferenciadas, como representação, simbologia ou “fixação” de um significado.



A imagem tratada sob o ponto de vista da Biblioteconomia apresenta metodologias de análise de documentos tendo como eixo principal a aplicação de metodologias e ferramentas de diferentes naturezas. Processos de análise, síntese e representação para a elaboração de informações documentárias, juntamente com a exposição da teoria semiótica, são objetivos essenciais desta aula, na qual são apresentadas ferramentas de tratamento documentário como AACR2, CCO, *VRA Core*, introdução aos vocabulários controlados em arte, arquitetura e obras culturais que exemplificam metodologias de aplicação e, a partir destas, são propostas atividades de fixação. As normas da ABNT para elaboração do resumo documentário (NBR6028/2003 – Informação e documentação – Resumo – Apresentação) e de estabelecimento de termos de indexação (NBR12676/1992 – Métodos para análise de documentos – determinação de seus assuntos e seleção de termos de indexação) são apenas citadas, visto que não trazem informações específicas para a área de representação de imagens, não descartando-se, porém, a consulta dos referidos materiais.

O tratamento descritivo e temático é abordado para a elaboração de produtos, como índices, resumos, alimentação de bases de dados e descrição dos documentos. Traz como exemplo de confluência das duas linhas de estudo/aplicação (descrição/assunto) o *VRA Core* como exemplo digital de tratamento da informação de imagens. A metodologia de representação documentária que traz as quatro perguntas básicas (quem?, onde? quando? e como/o quê?) é apresentada assim como são indicados alguns vocabulários controlados utilizados em cenário internacional para a atribuição de termos de indexação. Por fim, a teoria semiótica evidencia uma relação íntima com a representação de imagens, uma vez que a Ciência da Informação utiliza-se dela para a reprodução de informações originais que podem servir de signos por meio das linguagens documentárias.

Boa leitura e bom aprendizado!

INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA UNIDADE

A próxima aula apresentará alguns dos elementos das linguagens imagéticas (pictóricas, fotográficas e cinematográficas) que podem auxiliar nas atividades de representação documentária.

REFERÊNCIAS

AGUSTÍN LACRUZ, M. del C. La lectura de las imágenes fotográficas orientada hacia la representación documental. **Encontros Bibli**, v. 20, n. esp., p. 55-88, 2015.

AUMONT, J. **A imagem**. Campinas, SP: Papirus, 1993.

BARRETO, A. de A. A questão da informação. **São Paulo em Perspectiva**, Fundação Seade, v. 8, n. 4, 1994.

BLÉRY, G. La mémoire photographique. **Interphototheque**, Paris, n. 41, p. 9-33, 1981.

CAPURRO, R.; HJØRLAND, B. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007.

CCO. Disponível em: <<http://cco.vrafoundation.org/>>. Acesso em: 7 fev. 2018.

CINTRA, A. M. M. et al. **Para entender as linguagens documentárias**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Polis, 2002. 96 p.

CUNHA, M. B. da; CAVALCANTI, C. R. de O. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos / Livros, 2008.

FARIA, M. I.; PERICÃO, M. da G. **Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico**. São Paulo: EDUSP, 2008.

HARPRING, P. **Introdução aos vocabulários controlados: terminologia para arte, arquitetura e outras obras culturais**. São Paulo: Secretaria da Cultura do Estado: Pinacoteca de São Paulo: ACAM Portinari, 2016.

KOBASHI, N. Y. Análise documentária e representação da informação. **Informare – Cad. Prog. Pós-Grad. Ci. Inf.**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 5-27, jul./dez. 1996.

LARA, M. L. G. de. O processo de construção da informação documentária e o processo de conhecimento. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 127-139, jul./dez. 2002.

LE COADIC, Yves-François. **A Ciência da Informação**. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2004.

LOPES, E. **Fundamentos da linguística contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 1987.

Semestre

4

MAIMONE, G. D. **Estudo do tratamento informacional de imagens artístico-pictóricas**: cenário paulista – análises e propostas. 2007. 140 f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP.

PANOFSKY, E. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 1976. 444 p.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

RIBEIRO, A. M. de C. M. **Catálogo de recursos bibliográficos pelo AACR2 2002**. Brasília, DF: Ed. do autor, 2003.

SANTAELLA, L. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

SMIT, J. W. A análise da imagem: um primeiro plano. *In*: SMIT, J. W. **Análise documentária**: a análise da síntese. Brasília: IBICT, 1987. 133 p.

SMIT, Johanna Wilhelmina. A representação da imagem. **Informare – Cad. Prog. Pós-Grad. Ci. Inf.** Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 28-36, jul./dez. 1996.

TOUTAIN, L. B. Representação da informação visual segundo a ontologia e a semiótica. *In*: TOUTAIN, L. M. B. B. (Org.). **Para entender a Ciência da Informação**. Salvador: UFBA, 2007. 242 p.

VRA Core. Disponível em: <<http://core.vraweb.org/>>. Acesso em: 7 fev. 2018.



Sugestão de Leitura

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – ABNT. **NBR 6028 – Informação e documentação – Resumo - Apresentação**. Rio de Janeiro: ABNT, nov. 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – ABNT. **NBR 12676 – Métodos para análise de documentos – determinação de seus assuntos e seleção de termos de indexação**. Rio de Janeiro: ABNT, ago. 1992.

JOLY, M. **La interpretación de la imagen**: entre memoria, estereotipo y seducción. Barcelona, ES: Paidós, 2003.

MOREIRO GONZÁLEZ, José Antoni; ARILLO, José Robelando. **O conteúdo da imagem**. Curitiba: Ed. UFPR, 2003.

UNIDADE 2

ELEMENTOS DAS LINGUAGENS IMAGÉTICAS



2.1 OBJETIVO GERAL

Apresentar elementos das linguagens pictóricas, fotográficas e cinematográficas, relacionando-os à elaboração da informação documentária.

2.2 OBJETIVO ESPECÍFICO

Esperamos que, ao final desta Unidade, você seja capaz de:

- a) Identificar elementos das linguagens pictórica, fotográfica e cinematográfica, realizando a representação da informação imagética a partir de instrumentos e ferramentas que possibilitem sua recuperação.
- 

2.3 INTRODUÇÃO

A **linguagem**, em sentido amplo, pode ser considerada como o meio de expressão pelo qual acontece o processo comunicativo. Por si, permite nomear as “coisas”, criar e transformar o mundo, assim como efetivar relações, expressar emoções, ideias, propósitos etc. É matéria do pensamento que organiza a realidade material em sons, palavras, frases (linguagem verbal); em cores, luzes, gestos, entre outros (linguagem visual). Segundo *Dondis*,

A evolução da linguagem começou com imagens, avançou rumo aos pictogramas, cartuns autoexplicativos e unidades fonéticas, e chegou finalmente ao alfabeto, ao qual, em *The Intelligent Eye*, R. L. Gregory se refere tão acertadamente como “a matemática do significado”. (DONDIS, 2007, p. 14).

Em algum momento, portanto, várias linguagens (tipos de expressões) contribuíram para formar a linguagem verbal. “Assim, é possível afirmar que esta última é fundamental para o aprendizado humano pois possibilita conceituar objetos, intercambiar ideias, armazenar e transmitir informações”. (DONDIS, 2007, p. 14).

Para esta unidade, consideraremos “linguagem” como uma habilidade humana, que intenta representar algo (material ou imaterial), a partir de um sistema de signos, seja ele alfabético, sonoro, imagético ou cinematográfico.

A unidade iniciará com a conceituação de iconografia, passando logo após a trabalhar especificamente com os seguintes tipos de linguagens: pictórica, fotográfica e cinematográfica, a fim de estabelecer relações com a elaboração da informação documentária, fundamental à Ciência da Informação.

2.4 ICONOGRAFIA

De modo bastante genérico, iconografia diz-se do estudo descritivo da representação visual de símbolos e imagens. Em outros termos, é o ofício de investigar o significado das imagens. “Até fins do século XVI, a iconografia referia-se especialmente ao significado simbólico de imagens inseridas em um contexto religioso. Atualmente o termo refere-se ao estudo da história e da significação de qualquer grupo temático”. (ICONOGRAFIA, 2017).

Os documentos iconográficos são:

[...] constituídos por imagens fixas, as quais podem ser em duas dimensões, opacas, como as fotografias, gravuras, desenhos, desenhos técnicos (projetos de arquitetura, engenharia), pinturas, caricaturas, cartões postais e pôsteres ou destinadas a projeções como os diapositivos (slides), as radiografias e as transparências. (LIMA, 2016, p. 92).

Iconografia

Ciência que estuda e descreve as imagens, símbolos, quadros, bustos e pinturas que ilustram um assunto. Conjunto das representações de um objeto, de uma personagem, de um tema. Estudos dessas representações. Conjunto das ilustrações de uma obra. Coleção de retratos referentes a uma determinada pessoa ou assunto. Conhecimento e descrição de imagens, retratos, monumentos, representações alegóricas etc.

Fonte: *Faria e Pericão* (2008, verbete Iconografia).

Outra definição possível para documento iconográfico é o conjunto de documentos que se apresentam em forma de imagens, acompanhadas ou não de textos elucidativos; material iconográfico (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, verbete *documentação audiovisual*).

A iconografia configura, portanto, uma área do conhecimento que se relaciona de modo direto com a questão da representação da imagem e suas possíveis implicações. Desse modo, é importante para todos os acervos que têm nas imagens seu foco de trabalho e/ou são complementares de outras obras, por exemplo, fotos de arquivos.

2.5 LINGUAGEM PICTÓRICA

A imagem pictórica é alguma imagem feita a mão por meio de algum instrumento, mecanismo ou máquina que se relaciona, mesmo que distante, com a aparência ou a estrutura de alguma coisa real ou imaginada (COUTINHO, 2017).

Este estudo limitará o termo “imagem pictórica” às pinturas e/ou técnicas semelhantes que utilizem o plano como fundo para a exposição de percepções do mundo (incluindo paisagem, retratística e desenho artístico, entre outros).

Figura 14 - Pinturas impressionistas como exemplos de imagens pictóricas: *O sonho*, de Henri Rousseau; *O almoço dos barqueiros*, de Auguste Renoir; *Nascer do sol*, de Claude Monet; e, *Campo de trigo com ciprestes*, de Vincent Van Gogh



Fonte: Wikimedia (2018), Wikipedia (2018)²⁸

²⁸ WIKIMEDIA. *O sonho*, de Henri Rousseau. Disponível em: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/c/c6/Henri_Rousseau_-_Il_sogno.jpg/800px-Henri_Rousseau_-_Il_sogno.jpg>. Acesso em: 27 set. 2021.

WIKIMEDIA. *O almoço dos barqueiros*, de Auguste Renoir. Disponível em: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/8/8d/Pierre-Auguste_Renoir_-_Luncheon_of_the_Boating_Party_-_Google_Art_Project.jpg/800px-Pierre-Auguste_Renoir_-_Luncheon_of_the_Boating_Party_-_Google_Art_Project.jpg>. Acesso em: 27 set. 2021.

A linguagem pictórica utilizada como técnica de trabalho do artista está relacionada ao propósito e à circunstância de uso, podendo ser utilizada para diversos fins, como: descrever, narrar, instruir, prover informação, persuadir, entreter e resolver problemas, entre muitos outros.

Parte da literatura em Ciência da Informação que trabalha com esse tipo de documento (*Agustín Lacruz*) indica uma codificação em sistemas semióticos que podem ser explorados para complementar (informacionalmente) a descrição, a identificação e a interpretação das obras por meio de elementos que possibilitam otimizar a análise do conteúdo dos documentos. São sistemas que permitem acessar a significação da imagem por meio da análise de cenas (código cenográfico), cores (código cromático), espaços (código espacial), gestos (código gestual), vestimentas (código indumentário), luzes (código lumínico) e, por fim, o código de composição que são todos os elementos incluídos no contexto geral. (MAIMONE, 2007 – adaptado de Agustín Lacruz, 2006).

Embora esses códigos sejam indiscutivelmente importantes para a adequada percepção e a consequente representação da imagem, o profissional da informação conta com ferramentas de descrição e indicação de pontos de acesso, como já visto na aula anterior, que podem facilitar seu trabalho de catalogação (descrição da informação do documento) e indexação. Para fins de tratamento temático, as linguagens documentárias (vocabulários controlados, tesouros etc.) servem ao objetivo de controlar os termos de assuntos, orientando o trabalho para as atividades de representação e recuperação da informação. Por isso, utilizaremos, para descrever e representar tematicamente a imagem a seguir, as normas de catalogação (AACR2 para materiais gráficos²⁹) e o sistema de representação VRA Core³⁰.

Figura 15 - *Porträt der Madame Henriot*



Fonte: *Imagens Nga* (2018)³¹

WIKIPEDIA. **Nascer do sol**, de Claude Monet. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Impressionismo#/media/File:Claude_Monet,_Impression,_soleil_levant,_1872.jpg>. Acesso em: 27 set. 2021.

WIKIMEDIA. **Campo de trigo com ciprestes**, de Van Gogh. Disponível em: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/2/29/Vincent_Willem_van_Gogh_140.jpg/774px-Vincent_Willem_van_Gogh_140.jpg>. Acesso em: 27 set. 2021.

²⁹ RIBEIRO, A. M. de C. M. **Catalogação de recursos bibliográficos pelo AACR2 2002**. Brasília: Ed. do autor, 2003.

³⁰ VRA Core. Disponível em: <<http://core.vraweb.org/>>. Acesso em: 7 fev. 2018.

³¹ IMAGENS NGA. **Open data**. Disponível em: <https://images.nga.gov/en/search/do_quick_search.html?q=%221961.3.1%22%22>. Acesso em: 1 mar. 2018.

Figura 16 - AACR2 - Materiais gráficos

ÁREAS	FONTES DE INFORMAÇÃO
1 Título e indicação de responsabilidade	Fonte principal de informação
2 Edição 4 Publicação, distribuição etc. 6 Série	Fonte principal de informação, contêiner, material adicional
5 Descrição física 7 Notas 8 Número normalizado	Qualquer fonte

Fonte: Ribeiro (2003, p. 8-7)

Figura 17 - Ficha registro - AACR2 (*Porträt der Madame Henriot*)

Renoir, Pierre Auguste.

Retrato de Madame Henriot [original de arte] / [pintado por] Pierre Auguste Renoir. – Estados Unidos da América: NationalGalleryofArt, 1876.

1 original de arte: óleo sobre tela; 66 x 50 cm.

Inscrição na tela: assinatura inferior esquerda: Renoir

I. National Gallery of Art. II. Título.

Fonte: Produção da própria autora (2018)

Figura 18 - Registro Sistema VRA Core (*Porträt der Madame Henriot*)

Workrecord	
<u>agent</u>	Pierre Auguste Renoir (Austriaco, 1841-1919).
<u>culturalContext</u>	
<u>date</u>	1876
<u>description</u>	A senhora Madame Henriot é retratada em plano americano pelo impressionista Pierre Auguste Renoir.
<u>inscription</u>	assinatura inferior esquerda: <i>Renoir</i>
<u>location</u>	National Gallery of Art.
<u>material</u>	Tinta a óleo
<u>measurements</u>	60 cm x 55 cm
<u>relation</u>	
<u>rights</u>	
<u>source</u>	<i>Sites web</i>
<u>period</u>	Impressionista
<u>subject</u>	Impressionismo. Sensualidade feminina
<u>technique</u>	Óleo sobre tela
<u>textref</u>	
<u>title</u>	Porträt der Madame Henriot
<u>worktype</u>	Recurso visual/pintura

Fonte: Produção da própria autora (2018)

Além dessa pequena demonstração de aplicação das ferramentas anteriormente explicitadas, é possível encontrar registros de acervos pictóricos em *sites web*. É preciso enfatizar, contudo, que o que se encontra em resposta aos sistemas é a recuperação informacional, e que o tratamento documental é realizado em fase anterior a essa. Nem todas as informações podem ou devem (sigilosas, por exemplo) ser mostradas aos usuários.

O *site* do *Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand* (MASP), por exemplo, permite que o internauta realize pesquisas no acervo a partir do artista ou da obra, ou por meio de filtros que possibilitam selecionar a categoria de informação procurada. Nesse caso, pode-se selecionar também o período em que as obras foram produzidas, e são dados os créditos também ao fotógrafo.

Figura 19 - *Ninfa loira* de Paul Chabas



Fonte: Masp (2018)³²

Figura 20 - Registro Informacional - MASP (Dados recuperados pela busca - *Ninfa loira*)

AUTOR: Paul Chabas
DADOS BIOGRÁFICOS: Nantes, França, 1869 - Paris, França, 1937
TÍTULO: Ninfa loira
DATA DA OBRA: Sem data
TÉCNICA: Óleo sobre tela
DIMENSÕES: 61.4x50.5x2.5 cm
AQUISIÇÃO: Doação, Antonio Leite, 1949
DESIGNAÇÃO: Pintura
NÚMERO DE INVENTÁRIO: MASP.00460
CRÉDITOS DA FOTOGRAFIA: João Musa

Fonte: Masp (2018)³³

³² MASP. **Ninfa loira**. Disponível em: <<https://masp.org.br/acervo/obra/ninfa-loira>>. Acesso em: 1 mar. 2018.

³³ MASP. **Ninfa loira**. Disponível em: <<https://masp.org.br/acervo/obra/ninfa-loira>>. Acesso em: 1 mar. 2018.

No *site* da *Pinacoteca*, navega-se a partir da guia acervo / obras / nome do artista / título da obra / técnica. Uma curiosidade é que o referido *site* não traz imagens disponíveis, e a reposta pela busca “Tarsila do Amaral, todos os títulos, todas as técnicas”, traz sessenta e oito obras, sendo um exemplo:

Figura 21 - Registro Informacional - *Pinacoteca* (Dados recuperados pela busca)

Título: Estudos: rosas
Data de Aquisição: 1973
Técnica: lápis de cor e tinta hidrocor sobre papel
Dimensões: 27 X 21
Procedência: Doação, da Família Tarsila do Amaral

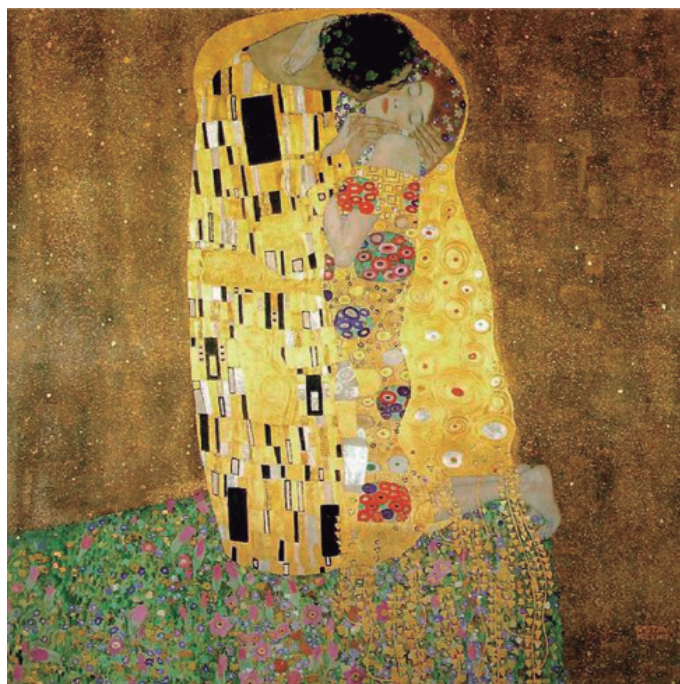
Fonte: *Pinacoteca* (2018)³⁴



2.5.1 Atividade

De acordo com o exemplo e consultando os materiais referentes ao AACR2, ao Sistema *VRA Core* e às informações externas que se fizerem necessárias, elabore a Ficha Catalográfica em AACR2 e o Registro *VRA Core* para a seguinte figura:

Figura 22 - *O beijo*



Fonte: *Klimt* (2018)³⁵

³⁴ PINACOTECA. **Obras**. Disponível em: <<http://pinacoteca.org.br/acervo/obras/>>. Acesso em: 1 mar. 2018.

³⁵ KLIMT. **O beijo**. Disponível em: <<http://www.klimt.com/en/gallery/women/details-klimt-der-kuss-1908.dhtml>>. Acesso em: 1 mar. 2018.

Espera-se que você analise a obra proposta pelo exercício e, a partir de suas informações descritivas e temáticas e das ferramentas propostas pela Biblioteconomia, consiga elaborar pistas de acesso à obra referenciada. Dificuldades são comuns e esperadas, devendo ser analisadas pelo mediador da disciplina.

2.6 LINGUAGEM FOTOGRÁFICA

“Fotografar é apropriar-se da coisa fotografada. Significa pôr a si mesmo em determinada relação com o mundo, semelhante ao conhecimento – e, portanto, ao poder”. (SONTAG, 2004, p. 14).

Figura 23 - A fotografia permite que nos apropriemos de momentos



Fonte: Good Free Photos (2018)³⁶

A fotografia diferencia-se dos outros tipos de documentos pelo fato de fornecer um testemunho, um recorte do mundo, mais do que evidenciar uma expressão de caráter artístico ou ser propriamente uma interpretação da realidade. Possui, portanto, função de prova.

³⁶ GOOD FREE PHOTOS. **Beautiful lakes and water at Plitvice Lakes Park National**. Disponível em: <<https://www.goodfreephotos.com/croatia/plitvice-lakes-national-park/beautiful-lakes-and-water-at-plitvice-lakes-national-park-croatia.jpg.php>>. Acesso em: 27 set. 2021.

O que está escrito sobre uma pessoa ou um fato é, declaradamente, uma interpretação, do mesmo modo que as manifestações visuais feitas à mão, como pinturas e desenhos. Imagens fotografadas não parecem manifestações a respeito do mundo, mas sim pedaços dele, miniaturas da realidade que qualquer um pode fazer ou adquirir. (SONTAG, 2004, p. 14-15).

Em termos concretos, pode-se dizer que a imagem fotográfica ou simplesmente fotografia é a representação da informação produzida por sensibilização de um filme (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, verbete *imagem fotográfica*).

A fotografia surgiu no século XIX, na Europa. A primeira foto remonta ao ano de 1826 e foi tirada pelo francês *Joseph Nicéphore Niépce*³⁷.

Figura 24 - A primeira fotografia do mundo capturou a vista da janela da casa em que morava *Joseph Nicéphore Niépce*, em *Burgundy* (1826). Foi tirada com uma câmera escura e levou aproximadamente 8 horas para ser concluída



Fonte: *Wikipedia* (2018)³⁸



Explicativo

Joseph Nicéphore Niépce nasceu em *Chalon-sur-Saône*, em 1765. Ele foi um inventor francês que conseguiu registrar a primeira fotografia. Em 1793, iniciou suas experiências com o processo fotográfico, porém sem muito sucesso, já que as imagens

³⁷ Embora Niépce tenha sido o primeiro a registrar uma imagem “real”, ele não a patenteou; a “invenção” foi atribuída e anunciada oficialmente em 19 de agosto de 1839 ao também francês Louis Jacques Mandé Daguerre, daí o nome daguerreótipo (SMIT; GONÇALVES, 2005).

³⁸ WIKIPEDIA. **View from the window al Le Gras, Joseph Nicéphore Niépce**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:View_from_the_Window_at_Le_Gras,_Joseph_Nic%C3%A9phore_Ni%C3%A9pce,_uncompressed_UMN_source.png>. Acesso em: 27 set. 2021.

capturadas desapareciam rapidamente. A primeira fotografia cuja imagem permaneceu gravada data de 1826 e foi elaborada por meio de um processo chamado heliografia.

Figura 25 - *Joseph Nicéphore Niépce*



Fonte: *Britannica* (2018)³⁹



Multimídia

Para complementar o estudo, acesse o *link* a seguir e assista ao documentário do *History Chanel* que fala sobre a história da fotografia.

<<https://www.youtube.com/watch?v=GyNa1OdJJcg>>. Acesso em: 1 mar. 2018.



³⁹ BRITANNICA. **Joseph Nicéphore Niépce**. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Nicephore-Niepce>>. Acesso em: 1 mar. 2018.

A fotografia tem sido acompanhada, desde seu nascimento, pela tensão em ser caracterizada como documento (muito atrelado ao caráter de transparência da realidade) e também pertencer ao ramo das belas-artes, em que seria enquadrada como uma forma de arte. As intervenções no registro fotográfico por meio de técnicas pictóricas foram amplamente realizadas em uma tentativa de adaptar o meio às concepções clássicas de arte, o que ficou conhecido como *fotopictorialismo* (FOTOGRAFIA, 2017).

Independentemente do tipo de criação e/ou finalidade, a fotografia, assim como qualquer outro meio de expressão, é fonte de informação passível de interpretação e geração de conhecimentos; dessa forma, é um sistema que possibilita o reconhecimento de signos (significante + significado). A fotografia possui linguagem própria e seus elementos podem ser manipulados pelo estudo ou pela própria intuição do fotógrafo. “Quando se percebe que a foto é o que significa, passa-se a colocar toda a técnica a serviço da subjetividade”. (FEIJÓ, 2017, s. p.).



Curiosidade

Na fotografia, a linguagem está relacionada às características, aos modos, pelos quais existe. Para chegar ao seu objetivo, necessita transpor um complexo processo técnico; e é ele a base da linguagem fotográfica. A base técnica da realização da fotografia determina os elementos da linguagem.

Fonte: Feijó (2017, s. p.).

A análise da imagem fotográfica deve abranger tanto características de conteúdo quanto de forma, ou seja, é preciso associar a noção de conteúdo (brevemente exposta nesta e na aula 1) à de forma – características técnicas que envolvem as imagens a que *Smit* e *Gonçalves* (2005) chamam de análise morfológica.

Ao encontro dessa colocação, *Feijó* (2017) afirma que “[...] ao fotografar a realidade, a câmera já realiza determinadas transformações do real, convertendo-a numa imagem de dimensões determinadas e sujeita a um certo número de limitações”. São essas “limitações” que serão elaboradas criativamente como linguagem fotográfica.

O quadro a seguir apresenta a relação entre a informação fotográfica e suas tipologias possíveis, visualizadas pelas características descritas.

Quadro 4 - Características fotográficas

(continua)

1	Superfície sensível	- a natureza do suporte: filme negativo, diapositivo, filme b&p ou filme colorido; - o formato do original: pequeno, médio ou grande; - a apresentação da imagem: vertical ou horizontal, única ou integrada em uma sequência de imagens; em 3D; sobreposição ou fotomontagem.
2	Lente	- teleobjetiva; - objetiva de descentramento; - olho de peixe; - grande-angular; - filtros colocados sobre a objetiva; - prisma; - macrofotografia e microfotografia (utilizada no domínio científico); - endoscopia (utilizada no domínio médico e industrial).
3	Tempo de pose	- instantâneo: a foto fixa um fato; - estroboscopia: decompõe o movimento; - pose; - expressão do movimento, <i>fou</i> (utilizado para fazer um efeito de rapidez ou destacar um elemento da foto).
4	Luminosidade	- foto de dia, foto de noite; - luz artificial (<i>flash</i>, <i>spot</i>); - noite americana (obtenção de um de noite em pleno dia); - contraluz; - iluminação frisante (acentua as matérias); - iluminação contrastada ou não; - sobreposição ou subexposição (efeitos especiais); - radiações: X, gama, infravermelho, ultravioleta etc. (utilizada para identificar um poço de petróleo, estudar uma planta ou as características de um solo).
5	Qualidade técnica (relacionada a uma dada utilização)	- para projeção; - para impressão; - para ampliação.
6	Enquadramento	- Grande Plano Geral (GPG); - Plano de Grande Conjunto (PGC); - Plano Geral (PG); - Plano de Conjunto (PC); - Plano Médio (PM); - Plano de Meio Conjunto (PMC); - Plano Americano (PA); - Plano Aproximado (PAP); - Meio Plano (MP); - Primeiro Plano (PP); - Grande Plano (GP); - <i>Close Up</i> (imprensa e mídias, representar personagem conhecido em um meio não oficial) (CU);

Semestre

4

		- Primeiríssimo Plano (PPP); - Grande Primeiro Plano (GPP); - <i>Big Close Up</i> (BCU).
7	Tomada de vista	- câmera alta / <i>plongée</i>; - câmera baixa / <i>contreplongée</i>; - fotografia aérea (vertical ou oblíqua); - fotografia espacial.
8	Posição do sujeito no espaço	- fachada ou vista frontal para a arquitetura; - vista de costas; - vista de perfil, vista de perfil esquerdo, vista de perfil direito; - vista $\frac{3}{4}$ (de frente, atrás, face); - vista do exterior, vista do interior.

Fonte: Adaptado de Bléry (1981)⁴⁰ apud Smit e Gonçalves (2005)⁴¹

As categorias propostas revelam a especificidade que a fotografia pode apresentar. O nível de detalhamento da descrição e sua organização em categorias (exemplo: fotos em *closed up* de Tom Cruise) dependerá dos objetivos da instituição portadora do acervo e da demanda do público. A título de ilustração, tem-se os exemplos a seguir⁴²:

Figura 26 - Câmera baixa / *contreplongée*



Fonte: Papel de parede (2018)⁴³

⁴⁰ BLÉRY, G. La mémoire photographique. *Interphototheque*, Paris, n. 41, p. 9-33, 1981.

⁴¹ A citação foi retirada do material: SMIT, J. W.; GONÇALVES, C. D. **Como organizar arquivos fotográficos**. São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo, 2005.

⁴² Para um aprofundamento nas características das técnicas fotográficas, indicam-se cursos de especialização na área, já que aqui são tratadas de modo bastante genérico, de acordo com a proposta da aula.

⁴³ PAPEL DE PAREDE. **Topo de árvores**. Disponível em: <https://www.papeldeparede.etc.br/fotos/wp-content/uploads/1440_Tree-tops.jpg>. Acesso em: 1 mar. 2018.

Figura 27 - Câmera alta / *plongée*



Fonte: Free Images (2018)⁴⁴

Figura 28 - Contraluz



Fonte: Free Images (2018)⁴⁵

⁴⁴ FREE IMAGES. **Três gondoleiros e um pato**. Disponível em: <<http://pt.freeimages.com/photo/three-gondoliers-and-a-duck-1391336>>. Acesso em: 1 mar. 2018.

⁴⁵ FREE IMAGES. **Sant Jordi em italiano**. Disponível em: <<http://pt.freeimages.com/photo/sant-jordi-a-la-italiana-1515595>>. Acesso em: 1 mar. 2018.

Figura 29 - Macrofoto



Fonte: *Free Images* (2018)⁴⁶

Figura 30 - Fachada ou vista frontal



Fonte: *Free Images* (2018)⁴⁷

⁴⁶ FREE IMAGES. **Crocódilos**. Disponível em: <<http://pt.freeimages.com/photo/crocos-1378401>>. Acesso em: 1 mar. 2018.

⁴⁷ FREE IMAGES. **Casa**. Disponível em: <<http://pt.freeimages.com/photo/home-1224274>>. Acesso em: 1 mar. 2018.

Figura 31 - Vista de perfil



Fonte: Free Images (2018)⁴⁸

Figura 32 - Fotografia aérea



Fonte: Free Images (2018)⁴⁹

⁴⁸ FREE IMAGES. **Contraluz**. Disponível em: <<http://pt.freeimages.com/photo/contraluz-1194806>>. Acesso em: 1 mar. 2018.

⁴⁹ FREE IMAGES. **Hortolândia**. Disponível em: <<http://pt.freeimages.com/photo/hortolandia-1224111>>. Acesso em: 1 mar. 2018.

Figura 33 - Primeiro Plano (PP)



Fonte: *Free Images* (2018)⁵⁰

Figura 34 - Plano Geral (GPG)



Fonte: *Free Images* (2018)⁵¹

⁵⁰ FREE IMAGES. **Escolha sabiamente o seu primeiro plano**. Disponível em: <<http://pt.freeimages.com/photo/choose-your-foreground-wisely-1479690>>. Acesso em: 1 mar. 2018.

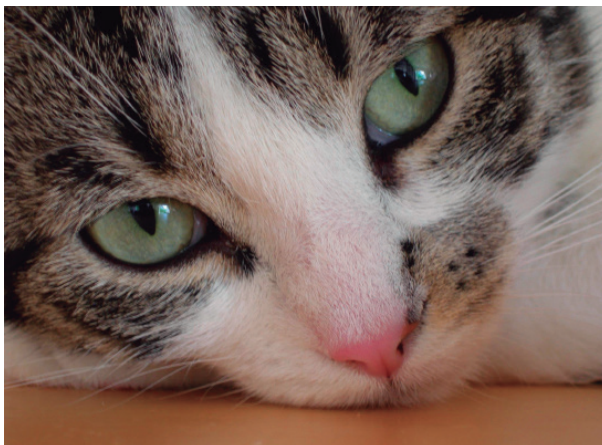
⁵¹ FREE IMAGES. **Fall Oxbow**. Disponível em: <<http://pt.freeimages.com/photo/falloxbow-1058032>>. Acesso em: 1 mar. 2018.

Figura 35 - Plano Americano⁵² (PA)



Fonte: Free Images (2018)⁵³

Figura 36 - Plano Aproximado (PAP)



Fonte: Free Images (2018)⁵⁴

Após conferir alguns exemplos de fotografia, visualizando-as por intermédio de sua linguagem, é possível afirmar que o fotógrafo registra, por meio de equipamentos e técnicas específicas, seu modo de “ver o mundo”; procura despertar no espectador algum sentimento, reflexão, pensamento, e, claramente, é por si, fonte de informação.

⁵² Fotografia dos joelhos para cima.

⁵³ FREE IMAGES. **Senhora**. Disponível em: <<http://pt.freeimages.com/photo/madam-1548429>>. Acesso em: 1 mar. 2018.

⁵⁴ FREE IMAGES. **Gato de perto**. Disponível em: <<http://pt.freeimages.com/photo/cat-close-up-1406192>>. Acesso em: 1 mar. 2018.

A fotografia parece reconstruir o tempo. As imagens fotografadas produzem um elo entre o fotógrafo e o espectador, estabelecendo relações entre eles. A fotografia causa impacto, revela conteúdo, expressa emoção; enfim, conta uma história. Por esse motivo, deve ser guardada e conservada para recuperações posteriores e tratada como fonte de informação para as próximas gerações. A fotografia é a representação clara de uma parte do tempo.



2.6.1 Atividade

De acordo com o exemplo e consultando os materiais referentes ao AACR2, ao Sistema VRA Core e às informações externas que se fizerem necessárias, elabore a Ficha Catalográfica em AACR2 e o Registro VRA Core para a seguinte fotografia:

Figura 37 - Projeto Gênesis - Sebastião Salgado



Fonte: Erica Tarina Wordpress (2018)⁵⁵

Resposta comentada

Espera-se que você analise a obra proposta pelo exercício e, a partir de suas informações descritivas e temáticas e das ferramentas propostas pela Biblioteconomia, consiga elaborar pistas de acesso à obra referenciada. Dificuldades quanto ao material e técnicas envolvidas podem ser encontradas por causa da grande especificidade técnica que, em muitos casos, o profissional da informação não tem. O contexto cultural das obras variará bastante de fotografia para fotografia, sendo que para algumas poderá ser mais fácil encontrá-lo. Relação com outras obras pode ser de fácil identificação se a fotografia pertencer a uma série ou a um arquivo pessoal.

⁵⁵ ERICA TARINA WORDPRESS. **Foto**. Disponível em: <<https://ericatarina.files.wordpress.com/2011/09/450.jpg>>. Acesso em: 1 mar. 2018.

A identificação de características morfológicas da imagem pode auxiliar na descrição da obra e sua integração a um acervo, uma série ou uma exposição determinada. Dificuldades são comuns e esperadas, devendo ser analisadas pelo mediador da disciplina.

A título de exemplo, inclui-se a recuperação de fotografias em ambiente digital: a primeira, realizada pela *Brasíliana Fotográfica Digital*, que permite navegação por data, autor, assunto e local; e, outra, referente ao acervo fotográfico da cinemateca brasileira.

Na *Brasíliana Fotográfica Digital*, procurando pelo autor “*Stahl, Augusto*” são encontradas sessenta e oito fotografias, das quais escolheu-se uma para verificar a representação que a referida instituição (*Biblioteca Nacional*) utiliza:

Figura 38 - Os arrecifes



Fonte: *Brasíliana Fotográfica* (2018)⁵⁶

⁵⁶ BRASILIANA FOTOGRAFICA. [Os arrecifes]. Disponível em: <<http://brasilianafotografica.bn.br/brasiliana/handle/bras/2322>>. Acesso em: 1 mar. 2018.

Figura 39 - Registro documentário da fotografia *Os arrecifes*

Os Arrecifes

Stahl, Augusto

Data:

1875

Descrição:

P&B

21 cm x 28,2 cm ap:23,3 cm x 30,3 cm

Albumina/ Prata

Assuntos:

Transportes

Acidente Geográfico

Horizontal

Diurna

GILBERTO FERREZ

Externa

Localidade:

Recife

PE

Brasil

Fonte:

Gilberto Ferrez

Direitos autorais:

Instituto Moreira Salles

Solicitar imagem junto ao detentor dos direitos indicado no Copyright

[Acesse o acervo da Instituição de origem](#)

Fonte: *Brasiliiana Fotográfica* (2018)⁵⁷

Já no *site* da cinemateca brasileira, a entrada é feita pelo catálogo do acervo fotográfico, cuja recuperação⁵⁸ pode trazer as seguintes informações:

Figura 40 - Cena do filme *Amarelo manga*



Fonte: *BBC* (2018)⁵⁹

⁵⁷ BRASILIANA FOTOGRAFICA. [Os arrecifes]. Disponível em: <<http://brasilianafotografica.bn.br/brasiliana/handle/bras/2322>>. Acesso em: 1 mar. 2018.

⁵⁸ A busca foi feita pelo filme "Amarelo manga".

⁵⁹ BBC. [Cena do filme Amarelo Manga]. Disponível em: <http://www.bcc.org.br/fotos/foto/FB_2322_014>. Acesso em: 1 mar. 2018.

Figura 41 - Registro da fotografia de uma cena do filme *Amarelo manga*

AMARELO MANGA

Direção: Cláudio Assis

Companhia Produtora: Parabólica Brasil; Olhos de Cão Produções Cinematográficas

Fotógrafo(a): Gil Vicente (?)

Identidades: Chico Diaz; Dira Paes

Local: São Paulo - SP; Recife - PE

Ano: 2003

Código da foto: FB_2322_014

Fonte: BBC (2018)⁶⁰

2.7 FILMOGRAFIA E LINGUAGEM CINEMATOGRÁFICA

Por **filmografia** entende-se “Uma lista cronológica, bem como uma bibliografia, dos filmes em que um indivíduo está envolvido (por exemplo um ator, diretor, roteirista, etc.). Essa lista apresenta toda sua carreira em filmes⁶¹”. (KONIGSBERG, 1994, p. 123).

A **linguagem cinematográfica** é aquela utilizada pelo cinema para comunicar ideias, impressões, sentimentos, reflexões etc. para um determinado público. Assim, “[...] se um filme comunica um sentido, o cinema é um meio de comunicação, uma linguagem”. (AUMONT; MARIE, 2006, p. 177).



Multimídia

Para complementar o estudo, acesse o *link* a seguir e assista ao documentário.

Uma breve história do cinema

<<https://www.youtube.com/watch?v=rfJC-unlzFw>>. Acesso em: 1 mar. 2018.

⁶⁰ BBC. [Cena do filme *Amarelo Manga*]. Disponível em: <http://www.bcc.org.br/fotos/foto/FB_2322_014>. Acesso em: 1 mar. 2018.

⁶¹ Filme, nesse sentido, é entendido como **produto** intelectual e não como material de produção.



Explicativo

O exame das semelhanças e das diferenças entre mensagem fílmica e mensagem verbal (ausência de dupla articulação no filme, maior singularidade e concretude do significado do plano em relação ao da palavra, ausência de léxico e de gramática estáveis no cinema) levou à proposição da ideia de que o cinema era uma “linguagem sem língua” [...] o cinema não tem língua, tem códigos – em grande número –, e cada um rege, de um ponto de vista parcial e particular, certos momentos ou certos aspectos dos enunciados fílmicos. O conjunto dos códigos do cinema é, portanto, globalmente, uma espécie de equivalente funcional da língua, sem ter seu lado sistemático.

Fonte: Aumont; Marie (2006, p. 177-178).

Algumas das características particulares dessa “linguagem sem língua”, para fins de representação documentária, podem ser conferidas por intermédio de alguns estudiosos, notadamente, no Brasil, pelo grupo de estudos coordenado pela professora Rosa Cordeiro, da Universidade Federal Fluminense. A fim de definir o conceito de filme Cordeiro (1996) cita Aumont e Marie (1988):

[...] o filme é considerado uma **obra** artística autônoma, suscetível de gerar um texto (análise textual) fundando suas significações sobre as estruturas narrativas (análise narratológica), os dados visuais e sonoros (análise icônica) e produzindo um efeito particular sobre o espectador (análise psicanalítica). (AUMONT; MARIE, 1988 *apud* CORDEIRO⁶², 1996, p. 463).

É importante ressaltar que o tratamento documentário será realizado de acordo com a política da instituição portadora dos materiais, e a descrição e a indexação podem ser elaboradas por níveis de conhecimentos dos usuários e podem variar de acordo com o conteúdo de cada obra. Dessa forma, existem minimamente três graus de exaustividade pelas quais os filmes podem ser abordados: indexação para o grande público/leigo; indexação para o público iniciado em assuntos filmográficos; e, a última, realizada para o especialista em cinema.

Basicamente, os filmes podem ser organizados em dois grandes grupos: i) filmes ficcionais, e ii) documentários (não ficcionais). O documentário diferencia-se do filme ficcional pela característica principal de trazer a tensão entre o cinema-verdade e a ficção, entre o real e o imaginário. Além de ser visto também como uma possibilidade de discurso jornalístico, que, na tentativa de se aproximar da simultaneidade dos fatos, é instrumento informador e formador da opinião pública.

⁶² A citação foi retirada da fonte: CORDEIRO, R. I. de N. Informação Cinematográfica e Textual: da geração à interpretação e representação de imagem e texto. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 25, n. 3, 1996.

Independentemente de serem ficcionais ou documentários, os filmes podem ser organizados de acordo com normas de catalogação e formatos particulares propostos pelas instituições mantenedoras dos acervos. Levando-se em consideração diversos materiais que versam sobre o tema (manuais de catalogação, normas, padrões etc.), relaciona-se a seguir alguns deles, a fim de tê-los como exemplos.

Para catalogar filmes (incluídos na categoria “Filmes cinematográficos e gravações de vídeo”), *Ribeiro* (2003, p. 7-10) propõe que seja obedecida a seguinte ordem:

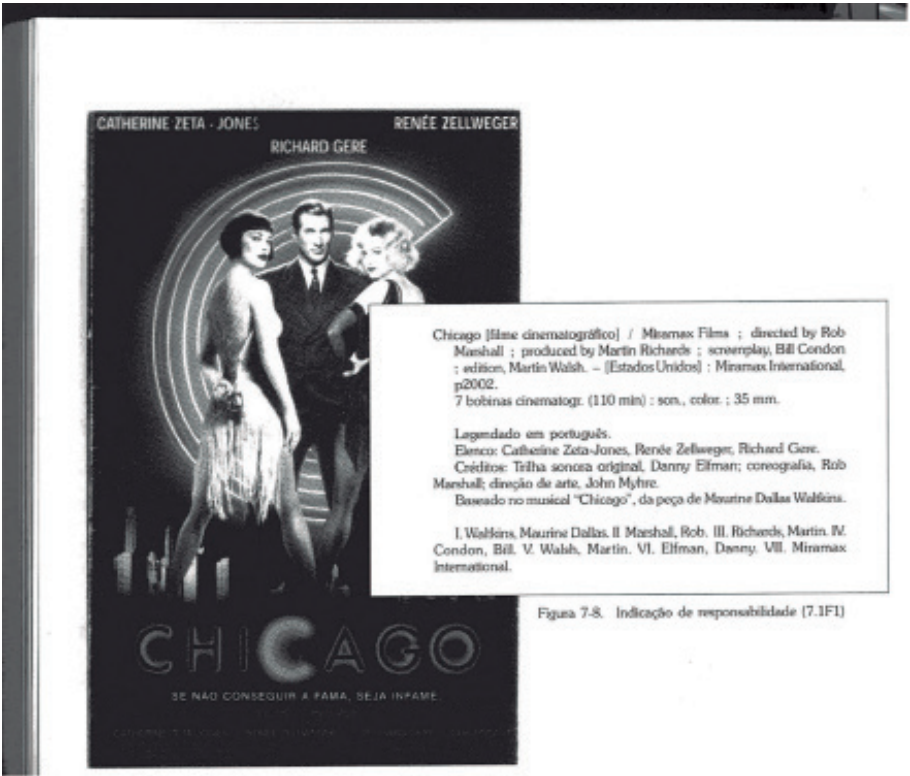
Quadro 5 - Fontes de informação para cada área da descrição de filmes

ÁREAS	FONTES DE INFORMAÇÃO
1 Título e indicação de responsabilidade	Fonte principal de informação
2 Edição	Fonte principal de informação, material adicional constituído de texto, contêiner
4 Publicação, distribuição etc.	
6 Série	
5 Descrição física	Qualquer fonte
7 Notas	
8 Número normalizado	

Fonte: *Ribeiro* (2003, p. 7-10)

Como exemplos, teríamos:

Figura 42 - Chicago



Chicago [filme cinematográfico] / Miramax Films ; directed by Rob Marshall ; produced by Martin Richards ; screenplay, Bill Condon ; editors, Martin Walsh. – (Estados Unidos) : Miramax International, p2002.
7 bobinas cinematogr. (110 min) : son., color. ; 35 mm.

Legendado em português.
Elenco: Catherine Zeta-Jones, Renée Zellweger, Richard Gere.
Créditos: Trilha sonora original, Danny Elfman; coreografia, Rob Marshall; direção de arte, John Myhre.
Baseado no musical “Chicago”, da peça de Maurine Dallas Watkins.

I. Watkins, Maurine Dallas. II. Marshall, Rob. III. Richards, Martin. IV. Condon, Bill. V. Walsh, Martin. VI. Elfman, Danny. VII. Miramax International.

Figura 7-8. Indicação de responsabilidade (7.1FI)

Fonte: *Ribeiro* (2003, p. 7-17)

Figura 43 - Cultivo da Mandioca

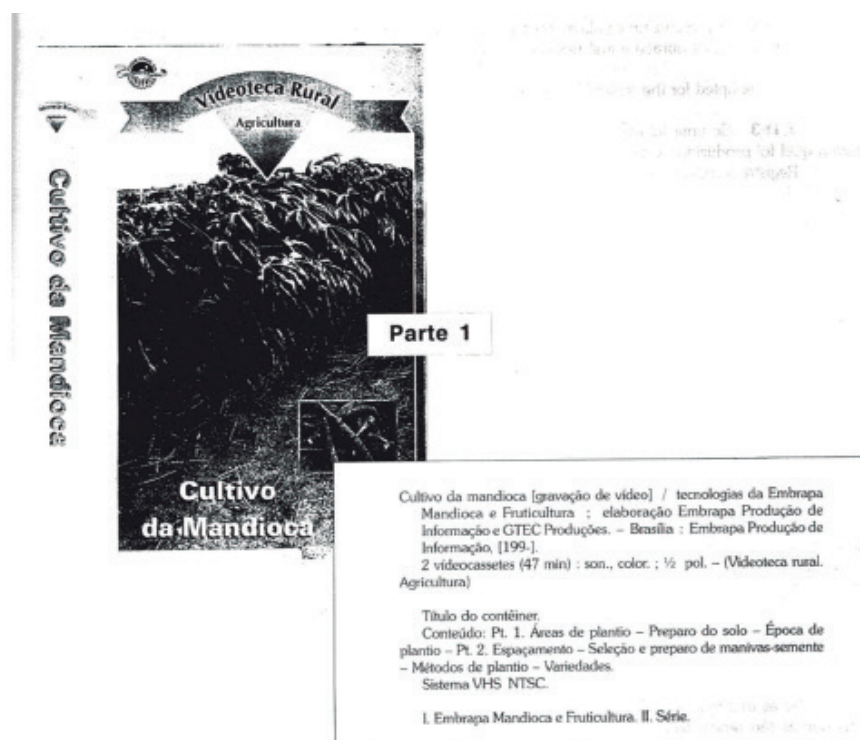


Figura 7-9. Responsabilidades pelo conteúdo e produção do vídeo (7.1FI)

Fonte: Ribeiro (2003, p. 7-17)

A título também de exemplificação, tem-se a seguir a descrição de um filme elaborada pela Biblioteca da ECA/USP, que teve como base o *Manual de Catalogação de Filmes* dessa mesma Instituição, realizado por Macambyra (2009):

Figura 44 - Ficha de descrição filmográfica

Localização:	VC0792; VC1589; DVD0649
Título:	C'eravamo tanti amati
Título nacional:	Nós que nos amávamos tanto
Direção:	SCOLA, Ettore, 1931-2016
País e data:	Itália, 1975
Produção:	Dean Cinematografica; Delta Film
Materiais:	Vídeo: 2 ex., VHS/NTSC, p&b e col., 136 min DVD : 1 ex., NTSC, p&b e col., 120 min
Condições de uso:	DVD0649, VC1589 Empréstimo autorizado
Formato da tela:	Widescreen anamórfico 1.85:1
Idioma original:	Italiano
Legenda:	Português
Roteiro:	SCOLA, Ettore; INCROCCI, Agenori; SCARPELLI, Furio
Fotografia:	CIRILLO, Claudio
Montagem:	CROCIANI, Raimundo

Música:	TROVAIOLI, Armando
Intérpretes:	MANFREDI, Nino; GASSMAN, Vittorio; SANDRELLI, Stefania; SATTI FLORES, Stefano
Série:	Caras Videoteca, 15
Resumo (spoilers):	Trajetória de três amigos italianos que lutaram juntos na II Guerra Mundial e atravessam décadas apaixonados pela mesma mulher. Resumo: Vídeo 1997.
Assunto:	Itália; Século 20 - Década de 70; Homens
Forma:	Filme
Gênero:	Ficção
Distribuição:	Videolar; Versátil Home Vídeo
Extras do DVD:	Documentário Nós que nos amávamos tanto: 30 anos depois, em registro separado; Vida e obra de Ettore Scola; Biografias de Vittorio Gassman, Stefania Sandrelli, Nini Manfredi; Ficha técnica do DVD

Fonte: ECA USP (2018)⁶³

A descrição dos filmes pode ser geral ou detalhada. Para esta última, informações mais específicas, como movimentos de câmera, enquadramentos e duração de planos ou sequências, podem ser incorporadas e, em alguns casos, podem ser essenciais para o público especializado.

Além dos materiais citados, menciona-se também o *Manual de catalogação de imagens em movimento*, publicado pela INTERNATIONAL FEDERATION OF FILM ARCHIVES (FIAF) (2016)⁶⁴, que representa importante contribuição para orientação do trabalho de catalogação dos recursos fílmicos. As recomendações aplicam-se a coleções mais genéricas de filmes e, para instituições com maior grau de especialização, deve-se recorrer a guias mais específicos. Incluem imagens em movimento de todos os tipos, por exemplo, trailers, documentários educacionais e de treinamento, produções independentes, filmes de estudo ou vídeo, filmes caseiros, materiais não editados, televisão, transmissões, comerciais, anúncios pontuais, gravações de concertos, balés, peças de teatro, filmagens de CCTV etc.

Por sua relevância no cenário internacional, elencam-se a seguir os elementos centrais (conceitos) da descrição considerados como conjunto mínimo para a representação descritiva de imagens em movimento.

Quadro 6 - Elementos da descrição de imagens em movimento

(continua)

Conceito central	Elemento de nível superior	Sub-elemento
Título	Título [obra]	
Série / Seriado	Título [obra]	Tipo do título = Série / Seriado [obra]
Elenco	Agentes (exemplo: elenco, créditos, pessoa, organização, etc.) [obra]	Atividade do agente = elenco [obra]

⁶³ A base de dados da Biblioteca da ECA permite que se faça a busca por meio deste *link*. Porém, os resultados ficam restritos aos usuários no momento da busca, não sendo possível, portanto, sua exposição neste material. ECA USP. *Biblioteca ECA USP*. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/biblioteca-bases/cena/search.htm>>. Acesso em: 1 mar. 2018.

⁶⁴ A publicação encontra-se disponível para *download* no site: <<http://www.fiafnet.org/pages/E-Resources/Cataloguing-Manual.html>>.

Créditos (incluindo produtora)	Agentes [obra]	Atividade do agente = créditos (termo de uso para atuação) [obra]
País de referência	País de referência [obra]	
Formato original ⁶⁵	Formato de uma imagem em movimento manifestação [manifestação]	Tipo de formato específico: [manifestação]
Extensão (tamanho) original	Extensão de uma manifestação [manifestação]	Extensão física de uma manifestação
Duração original	Extensão de uma manifestação [manifestação]	Duração de uma manifestação
Língua original	Língua (s) [obra]	Termo da língua + tipo de uso [obra]
Ano de referência	Ano / data de referência [obra]	Tipo de data [obra]
Identificador	Como apropriado: Identificador [obra] Identificador [manifestação] Identificador [item]	Como apropriado: Tipo de identificador [obra] Tipo de identificador [manifestação] Tipo de identificador [item]
Assunto / gênero / forma	Termos de assunto / gênero / forma [obra]	
Descrição de conteúdo	Descrição do conteúdo (sinopses, listas de filmagem, etc.)	

Fonte: INTERNATIONAL FEDERATION OF FILM ARCHIVES - FIAF (2016, p. 5-6)

Diante do exposto, a organização do acervo de filmes (documentação cinematográfica) deve levar em consideração a diversidade dos suportes que demandam conservação, segurança e custo, bem como contar com uma política de transferência periódica de suportes para manter a memória dos documentos, assim como estabelecer uma conexão entre os diferentes suportes e formatos do mesmo filme.

A recuperação de filmes em ambiente web pode ser exemplificada pelo *site* da cinemateca brasileira, que possibilita acesso ao acervo em quatro categorias: filmografia brasileira, biblioteca, arquivos e coleções e audiovisual⁶⁶.



2.7.1 Atividade

Estudando e tomando como referência o manual de catalogação de filmes elaborado pela Biblioteca da ECA/USP⁶⁷, elabore a mesma estrutura, ou seja, realize a descrição dos filmes apresentados a seguir, de acordo com o disposto pelo referido manual.

⁶⁵ O conceito de "original" refere-se à primeira manifestação conhecida da obra.

⁶⁶ Na ocasião da elaboração deste material não foi possível acessar as bases cinematográficas, porém, sugere-se que o aluno faça a navegação no *site*.

⁶⁷ O manual está disponível on-line e em pdf no *site* da biblioteca, em: <<http://www3.eca.usp.br/biblioteca/manuais>>. Acesso em: 1 mar. 2018.

- *The Island / A ilha*
- *Pirates of the Caribbean / Piratas do Caribe*
- *Inglourious basterds / Bastardos inglórios*
- *La voce della luna / A voz da Lua*

Resposta comentada

Espera-se que você realize buscas detalhadas sobre as informações dos filmes propostos e que exercite, por meio do preenchimento dos campos, a elaboração de fichas filmográficas. Dificuldades são esperadas e devem ser conferidas pelo mediador da disciplina.

2.8 CONCLUSÃO

A análise de imagens fixas (pinturas, fotografias) e em movimento (cinema) requer, além de conhecimentos sobre representação da informação no âmbito documentário, também o contato e o aprofundamento em questões especializadas desses tipos de acervos, como são suas linguagens particulares. Assim como os documentos impressos, esses materiais são considerados fontes de informação e, por esse motivo, tratados sob o ponto de vista informacional.

Descrever, identificar e interpretar uma pintura, uma fotografia ou um filme pode, além de aprofundar o conhecimento dos profissionais da informação, possibilitar a elaboração de informações documentárias, de acesso rápido, a fim de serem disponibilizadas com mais facilidade para os usuários das instituições possuidoras desses tipos de acervos. Dessa forma, dependendo de cada material e de cada obra em particular, podem variar os níveis de detalhamento descritivo e temático dos campos dos sistemas de informação. Boa aprendizagem!

RESUMO

A linguagem é concebida como habilidade humana para representar algo com o intuito da comunicação, portando significado. Ela pode ser verbal, imagética ou cinematográfica. Os documentos são tratados de acordo com a linguagem presente em suas expressões particulares, tentando retirar deles informações relevantes para os usuários.

Três tipos de linguagens foram apresentadas: pictórica, fotográfica e cinematográfica. A primeira diz respeito a pinturas de paisagens, retratos e desenhos artísticos, entre outros; a segunda, a fotografias, de modo

particular; e, a terceira, a filmes ficcionais e documentários. Como elementos da linguagem pictórica foram apresentados os códigos semióticos: cenográfico, cromático, espacial, gestual, indumentário, lumínico e de composição, e foram introduzidas as metodologias de AACR2 e VRACore para o tratamento desses materiais, assim como exemplos retirados do site do MASP e da Pinacoteca. Para a linguagem fotográfica, discutiu-se esse tipo de documento como sendo o mais próximo da realidade, descrevendo algumas de suas principais características e exemplos. A linguagem cinematográfica abrange filmes ficcionais e documentários, tendo como metodologias de tratamento informacional o AACR2 e o manual para catalogação de filmes da Biblioteca da ECA/USP bem como os elementos de descrição de imagem em movimento elaborado pela IAF em 2016.

Pinturas, fotografias e filmes foram vistos em suas especificidades, aplicando instrumentos de tratamento documentário para sua recuperação. Exemplos de elaboração de registros documentários em ambiente digital foram apresentados, a fim de permitir comparações entre os diferentes tipos de representação dos documentos e os campos informacionais considerados mais importantes para cada um deles. Todos os materiais contaram com a extração de características físicas e a análise de seus conteúdos colaborando para a adequada e fidedigna representação.

INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA UNIDADE

A próxima aula versará sobre imagens estéticas e técnicas.

REFERÊNCIAS

AGUSTÍN LACRUZ, M. del C. **Análisis documental de contenido del retrato pictórico**: propuesta epistemológica y metodológica aplicada a la obra de Francisco de Goya. Cartagena: 3000 Informática, 2006. 271 p. (Tendencias, 3).

AUMONT, J.; MARIE, M. **Dicionário teórico e crítico de cinema**. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 2006.

BLÉRY, G. La mémoire photographique. **Interphototheque**, Paris, n. 41, p. 9-33, 1981.

CORDEIRO, R. I. de N. Informação Cinematográfica e Textual: da geração à interpretação e representação de imagem e texto. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 25, n. 3, 1996.

COUTINHO, Solange. **Linguagem gráfica pictórica**. Programa de Pós-Graduação em Design. Universidade Federal de Pernambuco, 2017. (Apontamentos de aula – em slides).

CUNHA, M. B. da; CAVALCANTI, C. R. de O. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos / Livros, 2008.

DONDIS, D. A. **Sintaxe da linguagem visual**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FARIA, M. I.; PERICÃO, M. da G. **Dicionário do livro**: da escrita ao livro eletrônico. São Paulo: EDUSP, 2008.

FEIJÓ, Cláudio. **Linguagem fotográfica**. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/fotografia/wp-content/uploads/downloads-uteis-linguagem-fotografica.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2017.

FOTOGRAFIA no Brasil. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3787/fotografia-no-brasil>>. Acesso em: 18 ago. 2017. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

ICONOGRAFIA . In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo101/iconografia>>. Acesso em: 18 ago. 2017. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

INTERNATIONAL FEDERATION OF FILM ARCHIVES (FIAF). **The FIAF Moving Image Cataloguing Manual**. Apr., 2016. 274 p.

KONIGSBERG, I. **The complete film dictionary**. New York: Meridian Books, 1994.

LIMA, V. M. A. A documentação audiovisual. In: SILVA, J. F. M. da; PALETTA, F. C. (Orgs.). **Tópicos para o Ensino de Biblioteconomia**. São Paulo: ECA/USP, 2016. 186 p. v. 1. ISBN: 978-85-7205-142-2.

MACAMBYRA, M. **Manual de catalogação de filmes da Biblioteca da ECA**. São Paulo: Serviço de Biblioteca e Documentação ECA/USP, 2009.

MAIMONE, G. D. **Estudo do tratamento informacional de imagens artístico-pictóricas**: cenário paulista – análises e propostas. 2007. 140 f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP.

RIBEIRO, A. M. de C. M. **Catalogação de recursos bibliográficos pelo AACR2 2002**. Brasília, DF: Ed. do autor, 2003.

SMIT, J. W.; GONÇALVES, C. D. **Como organizar arquivos fotográficos**. São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo, 2005.

SONTAG, S. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VRA Core. Disponível em: <<http://core.vraweb.org/>>. Acesso em: 7 fev. 2018.



Sugestão de Leitura

ALVES, M. C.; VALÉRIO, S. A. **Manual para indexação de documentos fotográficos**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Departamento de Processos Técnicos, 1998.

FILIPPI, P. de; LIMA, S. F. de; CARVALHO, V. C. de. **Como tratar coleções de fotografias**. São Paulo: Arquivo do Estado; Imprensa Oficial, 2000. (Projeto como fazer, v. 4).

FRIZZERA, J. (Coord.). **Manual de orientação para preservação de acervos fotográficos**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro; Universidade Federal de Minas Gerais, 1985.

UNIDADE 3

IMAGENS ESTÉTICAS E TÉCNICAS



3.1 OBJETIVO GERAL

Apresentar diferenças entre imagens estéticas e técnicas, tendo em vista a representação da informação para fins de recuperação.

3.2 OBJETIVO ESPECÍFICO

Esperamos que, ao final desta Unidade, você seja capaz de:

- a) Diferenciar imagens estéticas de imagens técnicas, trabalhando seu conteúdo informacional.
- 

3.3 INTRODUÇÃO

De acordo com Joly (2008), as imagens possuem uma distinção fundamental pautada em seu modo de produção particular, dividindo-se em: i) fabricadas e ii) gravadas. As imagens fabricadas tendem a carregar um **status** de **imitação** ou proposição da realidade, ou melhor, de um modelo de realidade. As gravadas e/ou registradas devem assemelhar-se ao que representam, já que partem de um equipamento mecânico que realiza a mediação de sua produção. Fotos, vídeos e filmes são considerados representações perfeitamente confiáveis por partirem da própria coisa. (JOLY, 2008).

Para esta unidade, chamaremos as imagens fabricadas de “estéticas”, e as gravadas e/ou registradas de “técnicas”, pois “[...] imagem técnica é aquela produzida por aparelhos, que são produtos da técnica, que por sua vez é texto científico aplicado”. (FLUSSER, 1985, p. 10).

A imagem técnica parece trazer um caráter mais real e menos simbólico que as demais, porém:

A aparente objetividade das imagens técnicas é ilusória, pois na realidade são tão simbólicas quanto o são todas as imagens. Devem ser decifradas por quem deseja captar-lhes o significado. Com efeito, são elas símbolos extremamente abstratos: codificam textos em imagens, são metacódigos de textos. [...] O que vemos ao contemplar as imagens técnicas não é “o mundo”, mas determinados conceitos relativos ao mundo, a despeito da automaticidade da impressão do mundo sobre a superfície da imagem. (FLUSSER, 1985, p. 10).

A diferença, portanto, está no agente intermediário de sua produção, que no caso das imagens estéticas é um “[...] humano (pintor, desenhista) que se coloca entre elas e seu significado. Este agente humano elabora símbolos ‘em sua cabeça’, transfere-os para a mão munida de pincel, e de lá, para a superfície da imagem” (FLUSSER, 1985, p. 10-11). Já nas imagens técnicas, esse agente é um “aparelho-operador”, ou seja, é composto de um equipamento e um agente humano (câmera-fotógrafo, filmadora-cineasta etc.) que parece “ilusoriamente” não influenciar o elo entre imagem e significado (FLUSSER, 1985).

Esta aula tratará da representação de imagens estéticas visando à recuperação da informação e adentrará, brevemente, no contexto da imagem técnica.

3.4 REPRESENTAÇÃO DE IMAGENS ESTÉTICAS

Fazem parte da categoria de imagens estéticas todas as obras que contêm apenas um operador humano entre elas e seu significado. Em outros termos, sua produção depende apenas de um humano e de ferramentas manuais que lhe deem a possibilidade de colocar suas emoções, sentimentos e criatividade a serviço da representação de algo. Estamos falando, entre outros, de: pinturas, esculturas, desenhos, gravuras, maiólicas etc.

Conforme visto na Unidade 2, as linguagens imagéticas (tanto pictóricas como fotográficas e cinematográficas) possuem especificidades que devem ser consideradas no momento de sua representação. Este tópico tratará, em específico, da representação das imagens estéticas. Assim, para tornar a aula mais inteligível, utilizaremos exemplos para sua exposição.

O primeiro exemplo refere-se a uma obra do artista *Vincent van Gogh*, cuja produção remonta ao ano de 1888. Para representar essa imagem é necessário descrever suas informações de modo a contemplar tanto os aspectos físicos quanto os temáticos. A representação descritiva de imagens pode ser enquadrada na categoria de “**Materiais Gráficos**”, se tomarmos como base a publicação de *Ribeiro* (2003) e suas áreas de descrição e respectivas fontes de informação. Um quadro pode ser conferido a seguir:

Quadro 7 - Fontes principais de informação para cada área da descrição de materiais gráficos

ÁREAS	FONTES DE INFORMAÇÃO
1 Título e indicação de responsabilidade	Fonte principal de informação
2 Edição 4 Publicação, distribuição etc. 6 Série	Fonte principal de informação, contêiner, material adicional
5 Descrição física 7 Notas 8 Número normalizado	Qualquer fonte

Fonte: *Ribeiro* (2003, p. 8-7)

Vejamos um exemplo de como poderia ser realizada a ficha catalográfica de um original de arte:

Figura 45 - O escolar, de Vincent van Gogh



Fonte: Info Escola (2018)⁶⁸

Figura 46 - Ficha de registro - AACR2

Van Gogh, Vicent.

O escolar [original de arte] / [pintado por] Vincent van Gogh. – 1888.

1 original de arte: óleo sobre tela; color; 63x54 cm.

Coleção MASP

I. Título

Fonte: Elaboração da autora (2018)

Além do Código de Catalogação Anglo-Americano, existem outras formas de realizar o tratamento informacional das imagens para fins de recuperação tanto descritivas como temáticas.



3.4.1 Atividade

Elabore a ficha catalográfica das figuras a seguir de acordo com a Norma de Catalogação referenciada (AACR2), tendo também como modelo de registro de imagens (pintura de paisagem) o exemplo 26 do VRA Core (Disponível em: <http://core.vraweb.org/examples/html/example026_full.html>). Elabore o registro com os mesmos (ou semelhantes) campos. Não há necessidade de registro da fotografia da obra, uma vez que refere-se apenas a um exercício didático. O registro ficaria, portanto, preenchido com os seguintes campos:

⁶⁸ INFO ESCOLA. **O escolar**. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/pintura/o-escolar/>>. Acesso em: 1 mar. 2018

Figura 47 - Registro de obra de acordo com o VRA Core

Workrecord	
agent	Nome do Artista (Naturalidade do Artista, Ano de Nascimento – Ano de Morte).
culturalContext	Contexto Cultural em que se passa a obra.
date	Data de criação da obra.
description	Descrição da obra e características referentes ao estilo do Artista que se fizerem necessárias. Localização eletrônica da obra, endereço e data de acesso.
inscription	Possíveis inscrições realizadas na obra.
location	Localização física da obra, dados do repositório e notas, se necessárias.
material	Material utilizado para a realização da obra.
measurements	Dimensões: Altura x Largura.
relation	Possíveis relacionamentos com outros materiais.
rights	Direitos autorais.
source	Fonte de pesquisa.
period	Período.
subject	Assuntos.
technique	Técnica aplicada sobre a pintura.
textref	Referência textual.
title	Título da obra.
worktype	Classificação por tipo de obra. Ex.: Imagens, Recurso Visual.

Fonte: Adaptado do modelo VRACore (2018)⁶⁹

Figura 48 - Retrato de Jeanne Hébuterne, de Amadeo Modigliani



Fonte: Wahooart (2018)⁷⁰

⁶⁹ VRACORE. Disponível em: <http://core.vraweb.org/examples/html/example026_full.html>. Acesso em: 7 fev. 2018.

⁷⁰ WAHOOART. **Retrato de Jeanne Hébuterne**. Disponível em: <<http://pt.wahooart.com/@@/8EWADB-Amedeo-Modigliani-Retrato-de-Jeanne-Hebuterne-1>>. Acesso em: 1 mar. 2018.

Figura 49 - O Anticristo 3, de Lucas Cranach



Fonte: Wahooart (2018)⁷¹

Resposta comentada

Espera-se que você identifique a pintura e a gravura, a partir de suas especificidades e contando com as ferramentas propostas pela Biblioteconomia (AACR2 e VRA Core), e consiga elaborar o registro das obras referenciadas. Dificuldades quanto ao preenchimento dos campos são comuns e devem ser conferidas pelo mediador da disciplina.

3.5 IMAGENS TÉCNICAS

Fazem parte da categoria de imagens técnicas todos os materiais que são produzidos pela mediação de aparelhos de codificação, como fotografias, imagens de raios-x (radiologia), mapas geográficos etc. Segundo Flusser (1985, p. 11):

⁷¹ WAHOOART. **Anticristo 3**. Disponível em: <<http://pt.wahooart.com/@/8CABQT-Lucas-Cranach-The-Elder-Anticristo-3>>. Acesso em: 1 mar. 2018.



A função das imagens técnicas é a de emancipar a sociedade da necessidade de pensar conceitualmente. As imagens técnicas devem substituir a consciência histórica por consciência mágica de segunda ordem. Substituir a capacidade conceitual por capacidade imaginativa de segunda ordem. E é neste sentido que as imagens técnicas tendem a eliminar os textos. Com essa finalidade é que foram inventadas. [...] Textos foram inventados no momento de crise das imagens, a fim de ultrapassar o perigo da idolatria. Imagens técnicas foram inventadas no momento de crise dos textos, a fim de ultrapassar o perigo da textolatria.

As imagens técnicas não anulam os textos, nem vice-versa. Na realidade, eles possuem competências e linguagens diversas, fato que as fazem complementares, tendendo a se combinarem cada vez mais com as contemporâneas possibilidades de integração informacional por meio de dispositivos, sobretudo móveis. A imagem técnica intenta transformar conceitos em cenas, porém, nem sempre isso é possível. Por esse motivo, a opção é pela integração de ambas.

Imagens técnicas, assim como as estéticas, são fontes de informação. Sendo assim, devem ser representadas para integrar sistemas de recuperação da informação.

A possibilidade de transformar uma imagem material (analógica) em digital permite uma maior distribuição da informação visual, muito potencializada pelo advento da internet que a faz compartilhável. Dessa forma, podemos realizar uma reflexão sobre dois eventos de importância fundamental para a Ciência da Informação e Comunicação: i) a invenção da imprensa (Gutenberg, meados do século XV) com os tipos móveis – produção textual em escala; ii) a produção da imagem digital (século XX) – produção e distribuição da informação visual em escala.

3.6 CONCLUSÃO

Imagens estéticas e técnicas diferem entre si por seu contexto de produção e devem ser analisadas de modo particular levando-se em consideração suas características específicas. O tratamento descritivo e de conteúdo dos materiais devem ser realizados tendo como base a origem e o objetivo dos documentos a fim de que se tenha uma representação adequada e fidedigna, que satisfaça as necessidades do público.

As imagens estéticas são de ordem direta, ou seja, não dependem de nenhum equipamento mecânico para serem produzidas. Elas existem desde que a comunicação se fez necessária entre os homens, sendo, portanto, bastante antigas. Por esse motivo, já foram desenvolvidos estudos, metodologias e procedimentos para tratá-las, inclusive documentariamente (representação informacional). Já as imagens técnicas, como são mais recentes, dispõem de estudos menos desenvolvidos sobre sua representação.

RESUMO

Apresentamos os conceitos de imagem estética e técnica, relacionando-as diretamente às imagens fabricadas e gravadas. As primeiras são consideradas uma espécie de imitação realizada por meio de um operador humano; as segundas assemelham-se à realidade, pois realizam-se por meio de aparelhos de codificação (técnicos) e resultando em produtos como fotos, vídeos e filmes. As discussões permeiam a representação documentária de modo a propor uma atividade com o intuito de proporcionar ao aluno trabalhar com as metodologias AACR2 e VRA Core. A transformação da imagem material (analógica) em digital (digitalização de documentos) permite uma maior distribuição informacional.

REFERÊNCIAS

CCO. Disponível em: <<http://cco.vrafoundation.org/>>. Acesso em: 7 fev. 2018.

FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta**. São Paulo: Hucitec, 1985.

JOLY, M. **Introdução à análise da imagem**. Lisboa, PT: Edições 70, 2008.

RIBEIRO, A. M. de C. M. **Catálogo de recursos bibliográficos pelo AACR2 2002**. Brasília, DF: Ed. do Autor, 2003.

VRA Core. Disponível em: <<http://core.vraweb.org/>>. Acesso em: 7 fev. 2018.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA DA DISCIPLINA

AUMONT, J. **A imagem**. Campinas, SP: Papirus, 1993.

CCO. Disponível em: <<http://cco.vrafoundation.org/>>. Acesso em: 7 fev. 2018.

RIBEIRO, A. M. de C. M. **Catálogo de recursos bibliográficos pelo AACR2 2002**. Brasília: Ed. do autor, 2003.

SMIT, Johanna Wilhelmina. A representação da imagem. **Informare – Cad. Prog. Pós-Grad. Ci. Inf.** Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 28-36, jul./dez. 1996.

VRA Core. Disponível em: <<http://core.vraweb.org/>>. Acesso em: 7 fev. 2018.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR DA DISCIPLINA

AGUSTÍN LACRUZ, M. del C. **Análisis documental de contenido del retrato pictórico**: propuesta epistemológica y metodológica aplicada a la obra de Francisco de Goya. Cartagena: 3000 Informática, 2006. 271 p. (Tendencias, 3).

AGUSTÍN LACRUZ, M. del C. La lectura de las imágenes fotográficas orientada hacia la representación documental. **Encontros Bibli**, v. 20, n. esp., 2015, p. 55-88.

AUMONT, J. MARIE, M. **Dicionário teórico e crítico de cinema**. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 2006.

BARRETO, A. de A. A questão da informação. **São Paulo em Perspectiva**, Fundação Seade, v. 8, n. 4, 1994.

CAPURRO, R.; HJØRLAND, B. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007.

CCO. Disponível em: <<http://cco.vrafoundation.org/>>. Acesso em: 7 fev. 2018.

CINTRA, A. M. M. et al. **Para entender as linguagens documentárias**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Polis, 2002. 96 p.

CORDEIRO, R. I. de N. Informação Cinematográfica e Textual: da geração à interpretação e representação de imagem e texto. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 25, n. 3, 1996.

COUTINHO, Solange. **Linguagem gráfica pictórica**. Programa de pós-graduação em design. Universidade Federal de Pernambuco, 2017. (Apontamentos de aula – em slides).

CUNHA, M. B. da; CAVALCANTI, C. R. de O. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos / Livros, 2008.

DONDIS, D. A. **Sintaxe da linguagem visual**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FARIA, M. I.; PERICÃO, M. da G. **Dicionário do livro**: da escrita ao livro eletrônico. São Paulo: EDUSP, 2008.

FEIJÓ, Cláudio. **Linguagem fotográfica**. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/fotografia/wp-content/uploads/downloads-uteis-linguagem-fotografica.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2017.

FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta**. São Paulo: Hucitec, 1985.

FOTOGRAFIA no Brasil. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3787/fotografia-no-brasil>>. Acesso em: 18 de Ago. 2017. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

HARPRING, P. **Introdução aos vocabulários controlados**: terminologia para arte, arquitetura e outras obras culturais. São Paulo: Secretaria da Cultura do Estado: Pinacoteca de São Paulo: ACAM Portinari, 2016.

ICONOGRAFIA . In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo101/iconografia>>. Acesso em: 18 de Ago. 2017. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

JOLY, M. **Introdução à análise da imagem**. Lisboa, PT: Edições 70, 2008.

KOBASHI, N. Y. Análise documentária e representação da informação. **Informare – Cad. Prog. Pós-Grad. Ci. Inf.**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 5-27, jul./dez. 1996.

KONIGSBERG, I. **The complete film dictionary**. New York: Meridian Books, 1994.

LARA, M. L. G. de. O processo de construção da informação documentária e o processo de conhecimento. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 127-139, jul./dez. 2002.

LE COADIC, Yves-François. **A Ciência da Informação**. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos / Livros, 2004.

LIMA, V. M. A. A documentação audiovisual. *In*: SILVA, J. F. M. da; PALETTA, F. C. (Orgs.). **Tópicos para o Ensino de Biblioteconomia**. São Paulo: ECA/USP, 2016. 186 p. v. 1. ISBN: 978-85-7205-142-2.

LOPES, E. **Fundamentos da linguística contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 1987.

MACAMBYRA, M. **Manual de catalogação de filmes da Biblioteca da ECA**. São Paulo: Serviço de Biblioteca e Documentação ECA/USP, 2009.

MAIMONE, G. D. **Estudo do tratamento informacional de imagens artístico-pictóricas: cenário paulista – análises e propostas**. 2007. 140 f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP.

PANOFSKY, E. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 1976. 444 p.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

SANTAELLA, L. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

SMIT, J. W. A análise da imagem: um primeiro plano. *In*: SMIT, J. W. **Análise documentária: a análise da síntese**. Brasília: IBICT, 1987. 133 p.

SMIT, J. W.; GONÇALVES, C. D. **Como organizar arquivos fotográficos**. São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo, 2005.

SONTAG, S. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TOUTAIN, L. B. Representação da informação visual segundo a ontologia e a semiótica. *In*: TOUTAIN, L. M. B. B. (Org.). **Para entender a Ciência da Informação**. Salvador: UFBA, 2007. 242 p.

VRA Core. Disponível em: <<http://core.vraweb.org/>>. Acesso em: 7 fev. 2018.



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



CAPES

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO



**UNIVERSIDADE
ABERTA DO BRASIL**

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-85229-84-9



9 788585 229849

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-85229-90-0



9 788585 229900